

UNIVERSIDADE FEEVALE
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

ROBSON ARNDT SALVADORI

**O USO DE QR CODES EM UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

NOVO HAMBURGO

2018

ROBSON ARNDT SALVADORI

**O USO DE QR CODES EM UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras da Universidade Feevale, de Novo Hamburgo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosemari Lorenz Martins

Co-orientador: Prof. Dr. Gabriel Grabowski

NOVO HAMBURGO

2018

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Salvadori, Robson Arndt.

O uso de QR Codes em uma prática pedagógica em aulas de língua portuguesa / Robson Arndt Salvadori. – 2018.

86 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2018.

Inclui bibliografia e apêndice.

"Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosemari Lorenz Martins ; Co-orientador: Prof. Dr. Gabriel Grabowski".

1. Variação linguística. 2. Multiculturalismo. 3. Linguagem. 4. Ambiente escolar. I. Título.

CDU 37:004

Bibliotecária responsável: Patrícia Mentz – CRB 10/2143

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos familiares e aos amigos pela paciência e pela compreensão nos momentos em que estive mais ausente do que presente em suas vidas.

À Prof^a. Dr^a. Rosemari Lorenz Martins por ter me orientado cada passo a ser seguido, ajudando-me a buscar leituras que contribuíram para o aprofundamento do conhecimento. Obrigado por me incentivar e motivar sempre, mesmo nos momentos de desânimo, como também por ter orientado o caminho a seguir neste trabalho com suas sabedorias e palavras sinceras.

Ao Prof. Dr. Gabriel Grabowski, co-orientador desse trabalho, por contribuir com sua experiência e com seus conhecimentos.

Aos professores do Curso, que, durante os cinco semestres de estudos, foram fundamentais para a construção dos saberes, os quais contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

Às professoras participantes da banca examinadora, Dr^a. Débora Barbosa e Dr^a Simone Daise Schneider, por terem aceito o convite e por terem trazido contribuições relevantes.

Aos colegas do Mestrado, pela troca de experiência e saberes.

RESUMO

Esta pesquisa situa-se na Linha de Pesquisa “Língua e literatura: reflexões sobre a linguagem” do Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Feevale, de Novo Hamburgo/RS, e reflete sobre o seguinte problema: “se os alunos de hoje são nativos digitais, por que as tecnologias ocupam tão pouco espaço na escola?”. A partir dessa questão, esta investigação tem como objetivo avaliar o engajamento de uma turma de alunos de 1º ano do Ensino Médio em uma prática pedagógica utilizando QR codes para discutir variação linguística. Nesse contexto, buscou-se discutir também por que ainda existe preconceito linguístico, inclusive nos espaços educacionais, se toda língua muda com o tempo. O foco é saber como os discentes e os docentes visualizam o uso da linguagem, já que cada cultura possui suas variações linguísticas e que cada peculiaridade poder ser fator relevante no que diz respeito ao significado da mensagem transmitida. Para tanto, desenvolveu-se uma prática pedagógica utilizando QR codes que foi aplicada aos alunos. A análise dessa aplicação mostrou que os alunos se sentem motivados com o uso de tecnologias em sala de aula e que eles compreendem que não existe uma variedade linguística melhor do que a outra.

Palavras-chave: Multiculturalismo. Tecnologias educacionais. Variação Linguística.

ABSTRACT

This research is located in the Research Line named “Idiom and Literature: Reflections on Language” of the Professional Masters in Letters, at Feevale University, in Novo Hamburgo/RS, and reflects on the following problem: “if today’s students are digital natives, why do technologies occupy so little space in school?” Based on this question, this research focuses on evaluate the engagement of a group of 1st year high school students in a pedagogical practice using QR codes in order to discuss linguistic variation. In this context, it was also sought to discuss why linguistic prejudice still exists, including in educational spaces, if every language changes over time. The main goal is to know how students and teachers see the usage of language, since each culture has its linguistic variations and each peculiarity can be a relevant factor with respect to the meaning of the transmitted message. To do so, a pedagogical practice using QR codes was developed and applied to the students. The analysis of this application showed that students feel motivated using technologies within classroom and understand there is no better linguistic variety than the other.

Keywords: Multiculturalism. Educational technologies. Linguistic Variation.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Síntese dos acertos dos grupos	50
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 Língua, Linguagem e Fala	10
2.2 Origem e Evolução da Língua Portuguesa	14
2.3 “Da fala para a escrita”	16
2.4 Variação Linguística e Multiculturalismo	20
3 Tecnologia Educacional	24
3.1 QR codes: uma linguagem a favor da aprendizagem	28
4 Desvendando os mistérios do universo linguístico uma atividade pedagógica com mobilidade	31
5 Discussão e análise dos resultados	37
5.1 Contextualização da turma	37
5.2 Situações-problema utilizadas para o desenvolvimento da proposta pedagógica	38
5.3 Análise dos resultados gerais de cada grupo	47
5.4 Análise das interações após o término da tarefa	49
5.5 Avaliação dos resultados finais	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
APÊNDICES	58
ANEXO	81

1. INTRODUÇÃO

A escola é a instituição encarregada de ensinar o aluno a utilizar a linguagem, isto é, exerce a função e a responsabilidade de proporcionar a todos os indivíduos, os usuários da língua, a aquisição dos saberes linguísticos fundamentais para uma atuação cidadã, promovendo o desenvolvimento das idoneidades discursivas, as quais serão utilizadas em diversas situações de comunicação. Em outras palavras, a escola deve preparar aos sujeitos para saberem usar a linguagem de forma adequada em diferentes contextos sociais. Portanto, cabe à escola, além de desenvolver conteúdos, formar cidadãos críticos e ao mesmo tempo conscientes. Nessa perspectiva, a escola deve se aproximar da realidade dos alunos e desenvolver práticas sociais que façam sentido.

Com base nisso, este trabalho tem como tema o uso de tecnologias móveis em espaços educacionais para discutir questões de variação linguística. Baseado nesse tema, definiu-se o seguinte problema: “se os alunos de hoje são nativos digitais, por que as tecnologias ocupam tão pouco espaço na escola?”, tendo como objetivo avaliar o engajamento de uma turma de alunos de 1º ano do Ensino Médio em uma prática pedagógica utilizando QR codes para discutir variação linguística. Nesse contexto, buscou-se discutir também por que ainda existe preconceito linguístico, inclusive nos espaços educacionais, se toda língua muda com o tempo. A língua, neste trabalho, é vista como um processo dinâmico de interação.

Afinal, é a língua que permite ao homem comunicar-se com seu semelhante.

O propósito não é discutir as variações linguísticas no ensino de língua portuguesa, mas o uso da linguagem, tentando compreender se os discentes têm clareza sobre as variações da língua. Para esse entendimento, como base teórica, revisaram-se estudos de Mikhail Bakhtin, Luis Carlos Travaglia, Marcos Bagno, John Lyons, entre outros, acerca do uso da linguagem, de Stuart Hall, acerca de multiculturalismo, e de João Mattar e de Prenski, no que se refere à tecnologia educacional. Foram revisados também os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (PCNLP).

Quanto aos procedimentos metodológicos, usou-se uma pesquisa bibliográfica, para debater os conceitos essenciais e, a partir daí, elaborar uma atividade pedagógica para verificar as concepções dos alunos sobre variação

linguística. Para a aplicação da atividade, foram usados QR codes, em uma tentativa de levar ferramentas tecnológicas para a escola. Após a aplicação da atividade, analisaram-se os resultados obtidos, com a aplicação.

Com esta pesquisa, espera-se que os discentes e docentes possam se familiarizar com o uso de tecnologias como suporte para o estudo da linguagem. Além disso, espera-se que as variações linguísticas empregadas pelos jovens sejam respeitadas e não mais julgadas com “corretas” ou “erradas”, uma vez que, no século XXI, entende-se que a língua deve ser usada de acordo com a situação comunicativa. É a partir disso que os atos linguísticos devem ser vistos como “adequados” ou “inadequados”, já que, assim como tudo no universo, na natureza e na sociedade, a língua, seja ela qual for, também passa por modificações, afinal, não existe língua sem falante e nem falante sem língua. E, enquanto houver enunciadores, as línguas sofrerão variações e mudanças.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresenta-se a revisão teórica realizada para este trabalho. Para tanto, na seção 2.1, discutem-se os conceitos de língua, linguagem e fala; na sequência, na seção 2.2, apresenta-se um breve histórico sobre a origem e evolução da Língua Portuguesa, já a seção 2.3, apresenta-se a distinção entre a fala e a escrita, visto que ambas possuem diferenças progressivas, bem como, a exposição dos quatro tipos básicos de variação linguística; e, para finalizar o capítulo, na seção 2.4, são expostos as definições de multiculturalismo e multicultural, juntamente, com as mudanças que ocorrem nos espaços educacionais.

2.1 Língua, Linguagem e Fala

Nesta seção, busca-se definir o que se entende por linguagem, língua e fala para compreender os mecanismos propostos nesta pesquisa.

Vivemos em um tempo em que a comunicação ocupa um espaço importante na vida nas pessoas. Ela se dá por meio de diferentes mídias e, muitas vezes, a troca de mensagens se dá de forma sintetizada, usando diferentes formas de composição – verbais, não verbais, mistas ou digitais. Essa transformação na comunicação intimida algumas pessoas, que não possuem domínio dessas novas linguagens, o que pode dificultar sua comunicação bem como o estabelecimento de relações sociais. Isso porque, conforme Bakhtin (1999, p.113), “o homem não nasce só como um organismo biológico abstrato”, ele necessita também de um nascimento social, ele precisa aprender e construir a realidade que o cerca, dando sentido a ela, através da relação social com o próximo, o que ocorre por meio da linguagem. Sendo assim, é a linguagem que constitui o ser humano e que possibilita seu convívio social, pois

[...] toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1999, p.113).

Bakhtin (2011) ainda afirma que a concepção do pensamento, dos enunciados e das ideias vêm de um caráter coletivo/social. Afinal, a língua pertence

a todos, trata-se de um arcabouço cultural e social. Por ela ser um resultado histórico, não pode ser mediada por um único indivíduo, mas de geração para geração. Sabemos que linguagem é um sistema de sinais convencionais que nos permite realizar atos de comunicação, ela é um processo comunicativo pelo qual as pessoas interagem entre si. Esse sistema é constituído de códigos, que são conjuntos de sinais, como a linguagem verbal, cuja unidade básica é a palavra, a linguagem não verbal, que tem como base as imagens, a linguagem mista, constituída de palavras e de imagens, e, por fim, a linguagem digital, que se caracteriza pelo armazenamento e pela transmissão de dados por meios eletrônicos. Destacando a importância da linguagem, Ligia Chiappini de Moraes Leite (1997, p.22-23), afirma que

[...] a linguagem não é nem simples emissão de sons, nem simples sistema convencional, como quer um certo positivismo, nem tampouco tradução imperfeita do pensamento, vestimenta de ideias mudas e verdadeiras, como a concebe um pensamento idealista. Pelo contrário, é a criação de sentido, encarnação de significação e, como tal, ela dá origem à comunicação.

De entre as linguagens mencionadas, a linguagem verbal – que é constituída pela língua falada e pela língua escrita – abrange a condição de destaque no universo da comunicação. A língua é o instrumento privilegiado para estabelecer relacionamentos sociais, além de ser expressão de identidade nacional, serve para organizar dados da realidade, organizar o pensamento, interpretar e descrever as linguagens não verbais, etc., tudo isso visualizado por um sujeito que consegue reconhecer o ato comunicativo e correlacioná-lo com as

[...] diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, p.7-8).

Para Noam Chomsky (1980), a linguagem é uma propriedade humana, é ela que distingue o homem dos animais e das máquinas. A linguagem é a propriedade que possibilita ao homem ter história, cultura e diversidade. O pesquisador, além disso, compreende a linguagem como um conjunto finito ou infinito de sentenças, finito no que tange ao tamanho das sentenças e aos elementos que as constituem e infinito no que diz respeito às sentenças distintas da língua que podem ser geradas.

A língua, para Saussure (1995), é um sistema de valor, um fato social, ele a viu como um produto de coletividade, o qual pertence a todos os membros de uma comunidade e que não pode ser criado ou modificado por um indivíduo. Para Bakhtin (2010), assim como para Saussure, a língua também é um fato social, cuja existência provém da necessidade de comunicação. A língua, todavia, é muito mais do que um código: ela é constitutiva dos sujeitos e está em contínua mudança. E é a prática da linguagem, como discurso, como produção social, que dá vida à língua, colocando-a à mercê da intenção comunicativa. Ao mesmo tempo, ela é mais do que um conjunto de recursos simbólicos de comunicação e expressão, ela processa a interlocução humana, já que a vimos como um conjunto de sinais vivo e dinâmico. Além disso, Bakhtin (2010) correlaciona a língua com as condições concretas da vida dos sujeitos, o que não pode ser visto como algo que desvia seu valor social e histórico. Porque é por meio da língua apreendemos e captamos o mundo e também interagimos com as pessoas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (PCNLP), o domínio da linguagem e da língua são circunstâncias resultantes da participação social: “pela linguagem os homens e as mulheres se comunicam, têm acesso à informação, expressam e defendem pontos de vista, partilham ou constroem visões do mundo, produzem cultura” (BRASIL, 1998, p.19). Segundo o mesmo documento, a língua está sujeita a mudanças por apresentar uma natureza transformadora, que precisam ser vistas como uma “ação interativa interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história” (BRASIL, 1998, p.20). Qualquer língua pode variar ao longo do tempo, ou em um mesmo momento do tempo, conforme a região, o grupo social ou a classe social. Todas as línguas têm variedades, que possuem o mesmo valor para seus falantes e que se prestam para a comunicação.

É preciso compreender, contudo, que a língua não pode se restringir a fatos linguísticos solitários, mas que se trata de uma praxe interativa, a qual ocorre em diferentes contextos e com propósitos comunicativos diversos, penetrada por fatores sociais, culturais, econômicos e pelas relações estabelecidas entre os interlocutores. A língua também não pode ser analisada por meio do que é certo ou errado ou como um complexo de regras gramaticais isoladas, pois, conforme Irandé Antunes, a língua é muito mais do que isso.

[...] É parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço. É ela que confirma nossa declaração: Eu sou daqui. Falar, escutar, ler, escrever reafirma, cada vez, nossa condição de gente, de pessoa histórica, situada em um tempo e em um espaço. Além disso, a língua mexe com valores. Mobiliza crenças. Institui e reforça poderes (ANTUNES, 2007. p.22)

Desse modo, para que os usuários da língua, os alunos, por exemplo, possam comunicar-se efetivamente em diferentes condições sociais, é conveniente que eles saibam unificar o conhecimento das regras gramaticais com as demais questões relativas à língua. Em função disso, consoante Luiz Carlos Travaglia (2003), o ensino da análise linguística deve ser

[...] utilizado essencialmente para o desenvolvimento da competência comunicativa, ou seja, para conseguir que o aluno, como usuário da língua, seja capaz de usar cada vez um maior número de recursos da língua de maneira adequada à produção do(s) efeito(s) de sentido desejado(s) em situações específicas de interação comunicativa [...] (TRAVAGLIA, 2003. p.58).

Cabe destacar, ainda, que os dialetos regionais ou sociais de uma língua são tão sistemáticos quanto a língua-padrão, por isso não devem ser considerados como aproximações imperfeitas. Assim, não se pode dizer que uma língua seja mais rica ou mais pobre do que outra. Deve-se abolir, portanto, também a ideia de que uma língua seja mais “primitiva” ou mais “avançada” do que outra, pois não faz sentido explorar, aprender e estudar uma língua desligada da vida, do contexto social que pertence.

Chega-se, assim, à fala, que é um ato individual e que se concretiza por meio dos fatos sociais, isto é, a fala é o veículo de transmissão da língua. Ela é emitida através da fonação e da articulação vocal. De acordo com John Lyons (2011), o ato de fala é um sistema utilizado por todos os indivíduos, indiferentemente da classe a que pertence. Para ele,

não se sabe de nenhuma sociedade humana que exista, ou que tenha existido, em qualquer época, privada da capacidade humana. Embora as línguas, tais como são conhecidas hoje em quase todo o mundo, possam ser ou faladas ou escritas, a grande maioria das sociedades, até pouco tempo, era totalmente ou em grande parte constituída por indivíduos analfabetos (LYONS, 2011, p. 9).

A fala é passível de modificações. Ela vai sendo alterada conforme a história, a cultural, a formação escolar e até mesmo a classe social dos indivíduos. As variações podem decorrer da perda de fonemas (sons) em palavras, do surgimento de novos vocábulos, do empréstimo linguístico de outras línguas com as quais a comunidade mantém contato entre outras coisas.

Em síntese, tudo isso decorre do ato comunicativo, o qual resulta das experiências proporcionadas pela comunicação, já que vivemos diariamente remetendo e recebendo mensagem, através da fala ou da escrita, com diversas finalidades, tais como: ordenar, aconselhar, informar, persuadir entre outras. A língua muda, assim como os indivíduos que a usam, o que é discutido na seção que segue, que visa trazer um pouco da história da língua portuguesa.

2.2 Origem e Evolução da Língua Portuguesa

A língua de um povo é um elemento importante para a construção de sua cultura e de sua identidade. No Brasil, a língua oficial é o português, o qual pertence a uma prestigiada família de línguas, a neolatina, da qual emergiram outras, tais como: o galego, o espanhol, o provençal, o castelhano, o francês, o italiano, o catalão e o romeno, que também são conhecidas pela designação *românicas*, pois representam a sucessão contínua, no espaço e no tempo, do latim falado nas diversas regiões durante a expansão do Império Romano. O português, todavia, não é a única língua empregada no Brasil, em razão de serem faladas, aproximadamente, 180 línguas indígenas no país, além de outras línguas trazidas por imigrantes e da língua brasileira de sinais (Libras), empregada por pessoas surdas.

Como já foi dito na seção anterior, toda língua se renova. As mudanças surgem com o decorrer do tempo em razão de alterações fonéticas, morfológicas ou sintáticas. Porém, para compreender e entender a razão dessas modificações, é preciso vinculá-las com a história do povo que gerou a língua. Partindo dessa concepção, para compreender as mudanças que ocorrem no português, é necessário relembrar um como essa língua surgiu.

Falar da origem do português não é algo tão encantado como falar de histórias ficcionais, dos famosos contos infantis, pois ele não surgiu de um dia para o outro. Ele surgiu de um conjunto de misturas e junturas de linguajares em uma região conhecida como Península Ibérica.

Os primeiros habitantes da Península Ibérica foram os iberos, que, após o século V a.C., se uniram com o povo celta, que habitava a Grã-Bretanha, originando o povo celtibérico. No século III a.C, a península foi invadida pelos romanos, os quais a incorporaram ao Império Romano. Nesse período, a língua falada e utilizada pela nação era o latim vulgar, o qual deu origem às línguas neolatinas. O latim subdividia-se em clássico e vulgar; o clássico era a língua escrita e falada pela elite, enquanto o latim vulgar era a língua falada pelo povo.

O latim vulgar foi o que mais se expandiu pela Península, pois era falado pelos soldados, pelos comerciantes e por outros públicos, o que resultou em uma mudança corriqueira, a qual era aceita pelo povo, que colaborava para a constituição de uma nova língua, o que explica, de certa forma, o porquê da língua românica possuir diversos idiomas “descendentes”. Isso aconteceu em função do contato entre vários povoados, que possuíam linguajares diferentes, os quais, com o contato entre eles, possibilitaram a criação de diferentes línguas que receberam nomes diferentes. Desse modo, o latim diversificou-se nas línguas românicas faladas até hoje.

O português é uma das línguas que se originou do latim e que foi se modificando ao longo do tempo. A história da língua portuguesa pode ser dividida em três fases: a fase pré-histórica, que vai das origens até o século IX; a fase proto-histórica, que se estende do século IX ao século XII, e, por fim, a fase histórica, que tem início no século XII e estende-se até os dias atuais.

Quanto a essas fases, destaca-se que, na primeira, não havia nenhuma documentação escrita. Na segunda, os documentos e textos eram escritos em latim bárbaro e, na terceira e última fase, os textos começaram a ser escritos em português arcaico. A fase histórica divide-se em dois momentos, o arcaico, que vai do século XII ao XVI, e o moderno, que vai do século XVI até hoje. Na fase arcaica, a língua usada era o galego-português, a qual aparecia nos textos que eram de uma literatura bem trabalhada. Porém, com a separação política de Portugal e com sua expansão para a região sul, essa língua acabou sendo dividida, isto é, o galego

tornou-se uma língua e português outra, o que resultou na língua portuguesa sendo a língua oficial e o galego um dialeto regional.

No período moderno, o português também é classificado em dois: o clássico (dos séculos XVI e XVII) e o pós-clássico (do século XVII aos dias atuais). O primeiro, retrata os estudos gramaticais e salienta a literatura, ambos influenciados pelos moldes latinos, o que resulta em uma língua firme. Nesse período, surgiram as primeiras gramáticas do português e a primeira obra épica publicada em 1572, “Os lusíadas”, de Luís Vaz de Camões. No segundo período, a língua apresenta as peculiaridades vigentes.

Em síntese, o português tornou-se uma língua oficial devido à proclamação de Dom Afonso Henriques, o qual estabeleceu uma língua própria para o país, em outras palavras, a oficialização da língua está relativamente associada à independência política de Portugal. Já no Brasil, o português é primordial por ter sido trazido pelos portugueses no período da colonização. Mas seu emprego não foi imediato nem homogêneo, já que, na região, predominavam línguas indígenas.

Entre os séculos XVII e XVIII, as línguas indígenas foram reprimidas, o que resultou na instituição do uso e do ensino do português em todo o território brasileiro. Isso provocou o abandono da “língua geral” (mistura de vocábulos e expressões indígenas e portuguesa) e a titulação do português como língua oficial, isto é, como idioma nacional.

Enfim, hoje o Brasil é o país com o maior número de falantes do português, o qual também é falado em Portugal, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola, Guiné-Bissau e Timor Leste.

Apresentado este breve histórico sobre a origem e a evolução da Língua Portuguesa, na seção que segue, apresenta-se a distinção entre fala e escrita.

2.3 “Da fala para a escrita”

A fala e a escrita são usos individuais da língua, mas não se pode dizer que esse uso não seja social, pelo contrário, ele sempre será social, pois, toda a comunicação leva em conta o interlocutor que receberá o enunciado, como também a situação em que ocorrerá o processo comunicativo, e tudo isso se dá por meio da fala ou da escrita.

Atualmente, muito se tem discutido sobre a relação entre a língua falada e a língua escrita. De acordo com Luiz Antônio Marcuschi (2001), no que tange a essas duas modalidades da língua,

- as semelhanças são maiores do que as diferenças tanto nos aspectos estritamente linguísticos quanto nos aspectos sociocomunicativos (as diferenças estão mais na ordem das preferências e condicionamentos);
- as relações de semelhanças e diferenças não são estanques nem dicotômicas, mas contínuas ou pelo menos graduais (considerando-se que o controle funcional do contínuo acha-se no plano discursivo); [...]
- não há qualquer diferença linguística notável que perpassasse o contínuo de toda a produção falada ou de toda produção escrita, caracterizando uma das duas modalidades (pois as características não são categóricas nem exclusivas);
- tanto a fala como a escrita, em todas as suas formas de manifestação textual, são normatizadas (não se pode dizer que a fala não segue normas por ter enunciados incompletos ou por apresentar muitas hesitações, repetições e marcadores não-lexicalizados);
- tanto a fala como a escrita não operam nem se constituem numa única dimensão expressiva mas são multissistêmicas (por exemplo, a fala serve-se da gestualidade, mímica, prosódia etc.; e a escrita serve-se da cor, tamanho, forma das letras e dos símbolos, como também de elementos logográficos, icônicos e pictóricos, entre outros, para fins expressivos);
- uma das características mais notáveis da escrita está na ordem ideológica da avaliação sociopolítica em sua relação com a fala e na maneira como nos apropriamos dela para estabelecer, manter e reproduzir relações de poder, não devendo ser tomada como intrinsecamente 'libertária' (MARCUSCHI, 2003, p. 45-46).

Embora sejam duas modalidades da mesma língua, a escrita não é uma representação exata da fala. Se fosse assim, poderíamos ter atos comunicativos confusos, devido ao emprego de coloquialismo, de prolixidade, de expressões genéricas, entre outros fatores, que poderiam gerar mensagens sem nexos na escrita, por isso as duas modalidades precisam ser tratadas de forma diferente, precisam ser estudadas de forma diferente.

No que tange à língua falada, nos últimos anos, as discussões têm recaído sobre as variedades linguísticas, sobre o preconceito linguístico e sobre a forma como a escola aborda as variações, privilegiando o uso apenas das normas urbanas de prestígio. Em função disso, a variação linguística tornou-se um assunto bastante explorado por estudiosos da língua.

A língua, como já foi dito, está em constante evolução e, conforme Roberto Gomes Camacho (S/D, p.38), “esse fenômeno de variação e, ao mesmo tempo, de persistência de formas do passado na língua mostra que nenhuma é imutável, ou

seja, que as línguas se alteram com o passar do tempo”. As variações linguísticas estão presentes em nosso cotidiano. Elas estão relacionadas a diferentes modos de falar uma língua.

Não é novidade que o primeiro contato com a língua ocorre em casa, pois é lá, no contato com os familiares e com as pessoas que as cercam, que as crianças começam a articular sua fala para se comunicarem. É através desse contato que o aparelho fonador da criança começa a ser treinado para produzir sons, que, com o passar do tempo, se transformam em palavras, frases, orações e, por fim, em textos significativos. Observando as pessoas, seja na rua, na escola, no trabalho ou no supermercado, observa-se que nem todas falam da mesma forma, ou seja, muitas podem falar diferente da forma como falamos. Isso ocorre por diferentes fatores como a situação de comunicação, a faixa etária, o grupo social, o grau de escolaridade, o assunto, a época, a região, etc., por isso pode-se dizer que o idioma, a língua, está sujeito a variações linguísticas.

De acordo com Marcos Bagno,

[...] a variação e a mudança linguística é que são o ‘estado natural’ das línguas, o seu jeito próprio de ser. Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas! (MARCOS BAGNO, 2007).

O objetivo de Bagno (2007) é esclarecer que a língua muda de acordo com seus falantes e que o erro está em acreditar que existe apenas uma maneira correta de falar. As variações são as diferenças que uma mesma língua apresenta, elas fazem parte da natureza da língua e resultam da diversidade dos grupos sociais, em decorrência das interações. As variações passam por todos os níveis da língua – fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e discursivo. Elas “não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social” (BRASIL, 1998, p.29). Além disso, consoante Coseriu (1979, p.15), “a língua muda sem cessar e não pode continuar funcionando senão não mudando”.

De maneira simplificada, pode-se considerar a existência de quatro tipos básicos de variação linguística, conforme Maria Maura Cezario e Sebastião Votre (2013, p. 144-145):

- **Variação geográfica ou regional**: associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes; por exemplo, fonéticas (pronúncia – tchia [Pará], tia [Bahia]; lexicais – mandioca [São Paulo, macaxeira [Ceará], aipim [Rio de Janeiro]);
- **Variação social**: associada a diferenças entre grupos socioeconômicos, compreende variáveis como faixa etária, grau de escolaridade, procedência, faixa etária, etc.; por exemplo, gírias e jargões profissionais (usar datação de carbono – arqueologia, criar um *layout* – publicidade);
- **Variação histórica**: é constituída por diferenças decorrentes do tempo, da evolução natural da língua; por exemplo, diferenças entre o português arcaico e o português contemporâneo (segujmte > seguinte, asy > assim, vosmecê > você);
- **Variação de registro**: tem como variantes o grau de formalidade do contexto interacional ou do meio usado para a comunicação, como a própria fala, o *e-mail*, o jornal, a carta, etc.

Diante do fenômeno da variação, não se pode interpretar a língua como única, ordenada por compêndios gramaticais, pois seu uso varia conforme os fatores já mencionados. Todavia, se há diferentes formas de usar a língua,

não há por que, ao realizar as atividades de ensino/aprendizagem da língua materna, insistir no trabalho apenas com uma das variedades, a norma culta, discutindo apenas suas características e buscando apenas o seu domínio em detrimento das outras formas de uso da língua que podem ser mais adequadas a determinadas situações. Não cabe [ainda] o argumento de trabalhar apenas com a norma culta porque o aluno já domina as demais: isso não é verdade, uma vez que o aluno, quando chega à escola, pode dominar bem uma ou duas variedades e alguns elementos de várias, mas sempre tem muito que aprender de diversas variedades, inclusive das que domina (TRAVAGLIA, 2008, p.41).

Partindo da concepção de que o professor está inserido em um contexto rico em variações linguísticas, é necessário que ele reflita sobre a forma como seu corpo discente se expressa através da fala, sobre a identidade de seus alunos. Para que

possa proporcionar situações de aprendizagens que contemplem os conhecimentos linguísticos trazidos pelos alunos de suas interações comunicativas fora da escola. Uma vez que a língua não é um sistema fechado e imutável, mas um sistema heterogêneo, dinâmico e rico e que a linguagem empregada pelos discentes vêm a contribuir no ensino da LP. Contudo, conforme estabelece o PCNLP,

tomar a língua escrita e o que se tem chamado de língua padrão como objetos privilegiados de ensino-aprendizagem na escola se justifica, na medida em que não faz sentido propor aos alunos que aprendam o que já sabem. Afinal, a aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva (BRASIL. 1998. p.30).

Em suma, o professor não deve ignorar a variante da língua trazida pelo aluno, embora deva abordar, em sala de aula, a língua padrão. Isso é possível por meio do trabalho com textos de gêneros variados e com a adequação do registro oral às situações interlocutivas, isto é, ensinando o aluno a aplicar suas habilidades linguísticas considerando as possíveis variações conforme o contexto de uso da língua. Toda língua apresenta variação e que, saber isso contribui para melhorar a comunicação com outras pessoas. Saber usar diferentes variedades da língua torna a comunicação mais clara e eficaz, em outras palavras, mais adequada e eficiente. Contribui também para promover o respeito às “maneiras de falar” diferentes e para minimizar o preconceito linguístico.

2.4 Variação Linguística e Multiculturalismo

As mudanças, segundo Coseriu (1979), não ocorrem apenas na língua. A cultura também muda, porque, ao entrarem em contato, os indivíduos evoluem e a sociedade expande-se, em função de pontos de vistas, de ideias e de atos distintos. Para melhor entender melhor as origens das mudanças, cabe discutir o conceito de multiculturalismo, tema que vêm sendo bastante abordado nos últimos tempos, em múltiplos espaços, sejam eles: sociais, culturais ou políticos, melhor dizendo, em espaços em que a sociedade está em convívio de forma direta e indireta.

Essa discussão é importante, porque o Brasil foi constituído de diversos povos, desde a colonização dos portugueses, que trouxeram diversas culturas, entre europeus e africanos, as quais se agregaram às culturas das nações indígenas existentes no território brasileiro.

Embora a cultura brasileira tenha resultado do contato entre essas diferentes culturas, o que prevaleceu foi a cultura europeia, talvez, em função disso, os brasileiros, ainda hoje, tenham bloqueios em relação ao multiculturalismo.

Segundo Stuart Hall, teórico cultural que aborda esse assunto,

o multiculturalismo refere-se a estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiculturalidade gerados pelas sociedades multiculturais. É normalmente utilizado no singular significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta estratégias multiculturais (HALL, 2003. p. 52).

O pesquisador distingue, ainda, o termo “multicultural” de multiculturalismo, explicando que

multicultural é um termo qualificativo, que descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade ‘original’ (HALL, 2003.p.52).

Dessa forma, o multiculturalismo busca a integração entre os diversos grupos culturais e sociais, através de uma cidadania universal, respeitando as particularidades do povo e, ao mesmo tempo, reconhecendo as diferentes comunidades, para que sejam dissolvidos os problemas existentes entre as diversidades culturais.

Um bom espaço para tratar do multiculturalismo é a escola, uma vez que os alunos, na maioria das vezes, vêm de ambientes culturais diferentes, mas precisam interagir em sala de aula. Dentro de uma sala de aula existem várias culturas, muitas vezes contrastantes entre si. Assim sendo, a multiculturalidade tende a enriquecer o ambiente educacional. Por isso o currículo escolar não pode ser estanque, até porque a língua também não é.

Contudo, a variedade linguística oriunda do multiculturalismo geralmente é observada como “erro” em relação à norma padrão, e cabe ao docente saber discernir entre a norma culta e a norma coloquial, mediando as relações entre os alunos e promovendo a troca cultural.

A mediação referente à variação linguística objetiva proporcionar uma educação de qualidade, enriquecendo culturalmente os alunos e diminuindo preconceitos. Nisso tudo, enquadra-se também a ideia de estimular a autonomia do

aluno e seu espírito crítico. Para tanto, todavia, o currículo escolar precisa se adaptar ao ambiente multicultural.

Para que isso aconteça, é essencial que o professor esteja apto para lidar com os preconceitos existentes na sociedade. Também é importante que ele saiba mostrar aos seus alunos que cada cultura influencia na linguagem e que isso não é um erro, mas uma característica inerente das línguas. A interculturalidade possui como objetivo, ao contrário de excluir, incluir os alunos e acrescentar conhecimento.

Assim, o papel do professor é mostrar que tanto a norma culta como a coloquial são corretas, pois cada uma possui sua importância e é utilizada em situações diversas. Conforme Francieli Motta da Silva Barbosa Nogueira,

o professor tem um papel fundamental na formação do aluno, sendo capaz de fornecer subsídios para que este possa pesquisar e pensar criticamente sobre sua própria língua. Fundamental quando tem o compromisso com uma educação transformadora, quando compreende e faz compreender que não há hierarquia entre os usos variados da língua, assim como não há uso linguisticamente melhor que outro. Em uma mesma comunidade linguística coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior. (NOGUEIRA, 2012. p.7).

Como a língua é mutável, o trabalho do professor precisa se adequar à turma. Além disso, ele precisa se atualizar e se especializar para proporcionar um ensino diferenciado, o que, certamente, influenciará muito em suas aulas e ajudará os alunos a quebrarem as barreiras do preconceito linguístico.

Mas, para tanto, é preciso que o professor compreenda, antes de mais nada, que a língua está em constante evolução e que o multiculturalismo influencia a linguagem, o que se reflete em sala de aula, pois cada aluno traz para a escola uma língua da qual se apropriou em sua cultura familiar. Sendo assim, cabe ao professor saber lidar com várias culturas, estimulando a interculturalidade e tendo destreza ao promover a interação entre os alunos e seu aprendizado, tornando clara a importância da norma culta e da coloquial. A aula de Língua Portuguesa, contudo, muitas vezes, transmite a arraigada ideia de que deve somente ser focada a norma culta, que seria o único ensinamento correto. Segundo Irandé Antunes (2006, p. 22), “a língua não pode ser vista tão simplesmente, como uma questão de certo e errado, ou como um conjunto de palavras que pertencem à determinada classe e que se juntam para formar frases, à volta de um sujeito e de um predicado”. A diversidade linguística oriunda do conhecimento multicultural dos alunos deve ser aproveitada pelo professor, porque a partilha de ideias tende a formar pessoas que absorvem melhor o conhecimento cultural. Por outro lado, a variedade existente na linguagem

não deve ser a única fonte de conhecimento, por isso o professor precisa saber trabalhar e ensinar a diferença entre a norma culta e as diversas variações linguísticas existentes na língua-alvo. Conforme Santos (2005, p. 177),

muitos profissionais de educação desconhecem os pressupostos teóricos que norteiam essas linhas e podem tirar conclusões precipitadas das ideias contidas nos PCN. Por exemplo, é frequente, entre professores de língua portuguesa desatualizados, a concepção de que valorizar a variação linguística significa aceitar tudo que o aluno produz, considerar tudo certo, não ensinar gramática e deixar o aluno no mesmo ponto em que estava antes de entrar na escola.

Isto é, a língua padrão não pode ser descartada como fato ultrapassado. De acordo com Camacho (2011, p. 48-49),

nessa perspectiva, o ensino da variedade-padrão continua a ser um dever da escola e um direito do aluno, mas não precisa ser necessariamente substitutivo e, por isso, não implica a erradicação das variedades não-padrão. As formas alternativas de expressão podem conviver harmoniosamente na sala de aula; cabe ao professor o bom senso de discriminá-las adequadamente, fornecendo ao aluno as chaves para ele perceber as diferenças de valor social entre as variedades que lhe permita depois selecionar a mais adequada, conforme as exigências das circunstâncias da interação.

Segundo Ibiapina (2002, p. 134), que cita Bagno,

é interessante estimular nas aulas de língua materna um conhecimento cada vez maior e melhor das variedades sociolinguísticas para que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos.

Dessa forma, cada aluno contribui de um modo diferenciado para o aprendizado, mas isso é um desafio para o professor, porque ele precisa adequar sua proposta pedagógica. Em função disso, é imprescindível, primeiramente, a formação do professor, para que ele próprio supere os preconceitos existentes, desfazendo a própria visão pré-concebida de que algumas pessoas falam errado. Depois, disso, ele será capaz de preparar aulas que integrem os alunos, usando novas metodologias. Nesse contexto, o professor deve sempre estimular os alunos a falarem de forma adequada às situações de interação, promovendo o conhecimento através da linguagem e encaminhando-os à autonomia, para que possam ser responsáveis pela construção de seu próprio conhecimento.

Nessa formação do professor, entra também o conhecimento de novas tecnologias e de novas ferramentas que podem contribuir para que ele possa oferecer aulas mais interativas a seus alunos. Em função disso, aborda-se, no capítulo que segue, alguns tópicos acerca de tecnologias educacionais.

3 Tecnologia Educacional

A tecnologia está cada dia mais presente na vida das pessoas, não é de hoje que ela faz parte do dia a dia de grande parte da população brasileira. Ela está em diversas áreas consagradas, tais como: educação, cultura, saúde, esporte, etc. Sendo assim, não se pode deixar de abordar o uso da tecnologia no espaço educacional em um trabalho que pretende discutir o multiculturalismo.

A palavra educação, conforme Brandão (2007), vem do latim “educere”, que quer dizer extrair, tirar ou desenvolver. Dessa forma, pode-se dizer que o conhecimento resulta de um crescimento mediado pelo professor, que apresenta a direção a ser seguida pelo aluno, o qual, a partir disso, desenvolve competências e habilidades. Como a aprendizagem se dá na troca e como o docente é o principal mediador, ele passa a ser reconhecido como uma parte essencial do processo de construção dos discentes. É ele que promove a comunicação entre os alunos, gerando uma aprendizagem individual, porém de maneira coletiva.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a educação decorre de fenômenos sociais, históricos e culturais. Conforme Brandão, a

“[...] Educação é uma prática social (como a saúde pública, a comunicação social, o serviço militar) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre os tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento (BRANDÃO, 2007, p.73).

Partindo dessa percepção, a efetivação da educação gera-se no decurso da prática social, instante em que o sujeito, enquanto cidadão, desenvolve a aquisição das competências pessoais e sociais, momento que exige o reexame de conceitos e de atitudes, concedendo espaço para o protagonismo (participação ativa e reflexiva).

Mas, afinal, qual é o papel da tecnologia no ambiente escolar? As escolas sempre foram especialistas em um ensino “tecnológico verbal” – aquele que trabalha apenas o saber como construção simbólica ou significativa – o que não se concebe mais como primordial para o ensino, visto que a realidade dos educandos hoje é um fator de suma importância para a aprendizagem. Assim, é dever da escola absorver as experiências que os alunos trazem do dia a dia, como as vivenciadas em casa, na comunidade ou vista na televisão, na internet, nos jornais, nas redes sociais, etc.

Para Edith Litwin,

são temas da tecnologia educacional o desenvolvimento tecnológico em nossa sociedade, a organização, categorização e interpretação do mundo que provê a tecnologia da informação em cada uma de suas comunicações e o campo do currículo na escola que se vê condicionado pela necessidade de ditas reinterpretações (1997, p. 123).

Ou seja, é preciso que as instituições e os discentes unifiquem seus mundos, tornando-os intermeios de aprendizagem, desmitificando de vez o preconceito quanto à tecnologia, debatendo o impacto dela no cotidiano das pessoas e, por fim, encontrar um viés para ela, tanto na prática dos discentes quanto nas práticas dos docentes.

Afinal, em algumas décadas, o mundo evoluiu bastante e vem mudando continuamente, o que torna seu avanço vertiginoso. As instituições de ensino, todavia, de maneira generalizada, têm continuado usando metodologias tradicionais, o que dificulta para as escolas acompanharem as mudanças. Não que as escolas tenham bloqueado a entrada da tecnologia em seus espaços, pelo contrário, mesmo ainda existindo certa resistência institucional, cada vez mais ela vem ocupando espaços no ambiente escolar. Mas o uso da tecnologia ainda se limita muito a pesquisas na internet e à digitação de trabalhos. Mudar essa cultura não é fácil, porém as inovações são rápidas e podem ser bastante úteis para produção de novos conhecimentos.

Com o intuito de aproximar a tecnologia aos profissionais da educação e acabar de vez com a cultura escolar tradicional, Antonio Juan Colom Cañellas (1994) diz que a tecnologia é cognitiva e que, sendo ela uma forma de aquisição de saberes, poderá desempenhar

um papel diferente do desenvolvido até o presente. Parece estar aí para propiciar o desenvolvimento de possibilidades individuais [...] utilizando a

informática o homem alcança novas possibilidades e estilos de pensamento inovador jamais postos em prática, o que quer dizer que o ambiente organizador, em vez de alienação, procura novas perspectivas e reatualização das múltiplas capacidades mentais que possui o homem... A tecnologia vai transformando também nossas mentes porque de alguma maneira temos acesso aos dados, mudamos nosso modelo mental da realidade e nossa representação do mundo, já que chegamos a mais informações [...] (CAÑELLAS, 1994,p.29).

Partindo desse pressuposto, a escola, juntamente com seu corpo docente, pode construir conhecimentos, atendendo às exigências educativas, as quais trabalham com o posicionamento reflexivo, em que a escola é a mediadora entre o conhecimento, a cultura e as exigências educacionais, utilizando as tecnologias. Mas, para que isso seja possível, a escola precisa conhecer e compreender os fatores que estimulam e que desmotivam os estudantes no que se refere a aprender e desenvolver habilidades e competências, considerando que, muitas vezes, a desmotivação é o reflexo das práticas de ensino, que estão estagnadas.

E quanto ao sujeito aprendiz? Muito se discute sobre o papel do sujeito contemporâneo, isto é, quem são os discentes da escola contemporânea. É fato que não são iguais àqueles que, há duas décadas, aprendiam somente na escola, que seguia uma visão extremamente tradicional, ou seja, seguia um calendário escolar, com um cronograma desenvolvido para um ensino voltado para um discente que ia para a escola construir saberes que só poderiam ser construídos nesse espaço. Hoje isso não é mais assim e a escola não pode desvalorizar os conhecimentos que o discente traz consigo.

O século XXI é conhecido como a era do conhecimento, como um momento de mutações, inclusive na aprendizagem, devido à presença da tecnologia, o que exige que as escolas e os professores modifiquem seus métodos de ensino. Parece redundante dizer que os professores devem preparar seus alunos para aprenderem a aprender, porém, é isso que esse período exige, uma vez que é impossível ensinar tudo aos estudantes, porque o mundo está mudando muito rapidamente. Assim, cabe ao professor preparar seus alunos para que eles possam aprender sozinhos a lidar com as tecnologias que se renovam constantemente de modo a se tornarem protagonista e não meros usuários tecnológicos, porque, inevitavelmente, estão mergulhados em uma cultura de informações, que podem ser acessadas com facilidade.

Contudo, não é isso que se vê na maior parte das escolas, já que os estudantes são aguardados com os mesmos recursos didáticos de 20 anos atrás. Materiais como o livro didático, o giz e a lousa, infelizmente, ainda são o centro de muitas aulas, apesar de o avanço tecnológico ter assumido um papel significativo. Lamentavelmente, essa é a realidade do ensino contemporâneo, a qual já deveria ter mudado. É isso que diz João Mattar ao especificar que o currículo continua tradicional, pois ele

[...] inclui leitura, escrita, aritmética e raciocínio lógico, dentre outros conteúdos, enquanto o currículo do futuro deveria incluir também, software, hardware, robótica, nanotecnologia e genoma, assim como ética, política, sociologia, linguagens e outras questões que os acompanham [...] (MATTAR, 2010, p. 10).

O aprendiz chega à escola hoje com uma visão pré-estabelecida de mundo diferente daquela da visão da maioria de seus professores quando crianças, com alguns conceitos formados e com opiniões diferentes, resultantes de uma cultura mais diversificada, em função do acesso contínuo ao mundo social cibernético. Marc Prensky (2010) criou inclusive um novo termo para designar as pessoas que nasceram e cresceram na era da tecnologia: nativos digitais. Nativos digitais são aqueles que nasceram juntamente com a internet e que não conseguem imaginar o mundo sem a existência dela.

De fato, por causa da internet, os estudantes de hoje recebem as informações mais rapidamente e em grande quantidade, o que exige a orientação de alguém para a organização das ideias obtidas. Está aí um dos papéis do professor contemporâneo, ensinar o discente a produzir conhecimentos a partir da informação obtida. Isso porque hoje, com a rápida transmissão de dados e com o fácil acesso ao conhecimento que a era da informática proporcionou, vive-se uma controvérsia, porque os alunos, ao mesmo tempo em que possuem uma visão crítica do mundo, não leem e não se mostram interessados em ler, o que é importante para o desenvolvimento cognitivo. Assim, o grande desafio dos docentes é instigar os alunos a desenvolverem conhecimentos sem descartar seu meio social e o conhecimento já adquirido, propondo-se a incluir nas práticas de ensino os recursos tecnológicos mais utilizados pelos alunos (as redes sociais), aliando-os ao ensino e à cultura dos discentes. Essa é uma tarefa meticulosa e que exige dedicação, ainda

mais em um cenário de precariedade da estrutura escolar e de incentivos financeiros.

Além disso, é preciso compreender que os jovens de hoje passam boa parte do tempo na Internet, jogando games ou assistindo à televisão, o que, de certa forma, interfere na comunicação, já que eles se comunicam e compartilham diferentes informações por intermédio de mensagens e pelo acesso às redes sociais, ou seja, passam a ser os ativos em seu processo de desenvolvimento, construindo sua própria percepção. O que os aproxima das evoluções tecnológicas. Uma vez que, estando na internet, estão expostos a todas as informações possíveis, principalmente, ao que está direcionado às inovações tecnológicas.

Antigamente, o entretenimento dos adolescentes era brincar de pega-pega, esconde-esconde, jogar futebol ou brincar de carrinhos e de bonecas, atividades que não fazem parte da vida dos nativos digitais, geração que se sente mais atraída pela tecnologia digital, isto é, pelos aparelhos portáteis. Esse interesse, gradativamente, vem aumentando o número de jovens portadores de celulares, dispositivo que consegue deixar à disposição de qualquer usuário tudo sobre ciência, história, atualidade. O celular consegue libertar o usuário dos espaços determinados, proporcionando a mobilidade e a virtualização.

E é partindo da concepção de que, a cada dia que passa, os jovens estão mais contextualizados, por serem reféns dos dispositivos computacionais portáteis, como *smartphones*, *iphones*, *notebooks*, e outros, através de redes sem fio, o que os deixa à frente em virtude de seu vasto domínio sobre as ferramentas digitais, que eles parecem ter um saber nato. Por isso os professores precisam aceitar que os dispositivos portáteis chegaram à escola e devem usá-los como suporte para a aprendizagem, ou seja, como mais uma ferramenta de ensino e de troca de experiências, já que a maioria dos jovens possuem um celular e podem aprender a usá-lo para desenvolver suas habilidades, através da reflexão e do senso crítico, e não apenas usá-lo como um brinquedo.

De acordo com Bassani e Barbosa, citando Lemos,

as tecnologias móveis e sem fio estão transformando a relação entre as pessoas e os espaços urbanos em que elas vivem, criando novas formas de mobilidade. Com isso, cada vez mais a sociedade vai ser tornar ubíqua, pois essas tecnologias estão permitindo que esses espaços urbanos se tornem ambientes de interconexão, envolvendo o usuário em plena mobilidade, envolvendo objetos e pessoas (2013, p.2).

Como junto com a tecnologia móvel vem a inovação, a qual proporciona uma mobilidade cada vez mais eficaz para a sociedade, aumenta também a interconexão do sujeito, enquanto educando, com os conhecimentos do mundo, visto que a possibilidade de cada indivíduo poder carregar consigo seu aparelho móvel, coloca-o à mercê de todas as informações cabíveis para o seu desenvolvimento, sempre que ele estiver desenvolvendo suas competências pessoais e sociais.

Discutida a relação entre a escola contemporânea, o avanço da tecnologia e os nativos digitais no contexto escolar, bem como a possibilidade de aprender por meio de dispositivos móveis, abordam-se, a seguir, os QR codes¹, uma ferramenta oportuna para a aprendizagem, e a sua possível contribuição para o processo educacional.

3.1 QR codes: uma linguagem a favor da aprendizagem

Os QR Codes foram criados em 1994 pela Denso Wave, uma entidade japonesa do grupo Toyota, que tinha como intencionalidade responder algo rápido, isto é, de forma direta e reta. Inicialmente, os QR Codes foram criados para a automação de carros japoneses, com o intuito de descomplexificar as peças e catalogá-las de forma prática. Mas, para muitos, eles são códigos que surgiram em 2003, o que não passa de um mero engano.

Mas foi entre julho de 2011 e junho de 2012 que a utilização dessa linguagem teve um salto relevante na Europa, pois começou a ser aplicada em celulares para a interpretação das imagens expostas, tudo isso devido ao uso e, porque não dizer, abuso, das empresas de marketing, em utilizar o código, afinal, é algo pequeno, mas que pode carregar informações imensas. Hoje essa linguagem se encontra espalhada pelo mundo, seja em embalagens de produtos, em *outdoors*, em estabelecimentos, sites, programas, anúncios, enfim, pelos espaços informativos.

Mesmo que tenham se expandido apenas nos últimos anos, os QR Codes têm sido considerados uma excelente ferramenta para o mercado de trabalho e também para os ambientes educacionais, posto que são uma linguagem digital presente no cotidiano dos indivíduos. Eles são usados por usuários de equipamentos tecnológicos, particularmente, de smartphones, iphones ou tablets,

¹ **QR CODES** (sigla do inglês Quick Response) é um código de barras bidimensional que pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera. (https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3digo_QR.)

para compreender e visualizar as informações contidas no código, isto é, para desvendar os mistérios ocultos por traz desses códigos. Trata-se de uma linguagem não verbal, que, para ser desvendada, basta o sujeito utilizar seu aparelho com câmera e possuir o software para decifração da imagem.

Mas qual pode ser a contribuição desse código para a aquisição de novos conhecimentos? Códigos nada mais são do que uma linguagem e linguagem é todo tipo de processo comunicativo por meio do qual os seres humanos interagem entre si, ou seja, todo processo comunicativo se torna eficaz através da troca de códigos, os quais são compreendidos e desvendados através da interação entre os indivíduos.

Assim, de todas as áreas do conhecimento, a área das linguagens é, de certa forma, a mais privilegiada quanto à utilização dos códigos. Não que as demais não possam usá-los, pelo contrário, a exploração desses códigos é um instrumento para todos os campos de saberes. Porém, a área das linguagens é privilegiada uma vez que um de seus objetivos é trabalhar, explorar e desvendar “mensagens ocultas” em uma da linguagem inteligível, o que contribui para o processo comunicativo entre as pessoas. Por isso a utilização desses códigos tem sido uma ferramenta oportuna para os espaços educacionais, visto que promove a aquisição de saberes distintos, sejam eles assuntos históricos, modernos ou contemporâneos. E, ao mesmo tempo, é prazeroso construir conhecimentos por meio de diferentes formas de linguagem, nesse caso, uma linguagem digital. Sendo assim, o uso de QR codes pode ser uma forma criativa, reflexiva e contextualizada de inovar no planejamento educacional.

Isto posto, finaliza-se a fundamentação teórica realizada para o desenvolvimento deste trabalho. Na sequência, apresenta-se a proposta pedagógica desenvolvida para desenvolver um conteúdo de língua portuguesa utilizando QR codes.

4 Desvendando os mistérios do universo linguístico: uma atividade pedagógica com mobilidade

Partindo da concepção de que a educação é uma prática social decorrente da interação dos indivíduos em formação, sejam eles crianças, adolescentes ou adultos, independentemente do nível de ensino em que se encontram, ensino

fundamental (anos iniciais ou finais), ensino médio/técnico ou ensino superior, acredita-se que a aprendizagem se dá através da troca de saberes, a partir das relações estabelecidas. Concebe-se também que os jovens de hoje são “descendentes” da tecnologia, quer dizer, eles não conseguem visualizar o mundo sem a presença da tecnologia, por estarem conectados diariamente ao mundo digital.

Em função disso, objetiva-se apresentar uma proposta pedagógica desenvolvida para alunos do Ensino Médio, considerados nativos digitais, utilizando tecnologias com mobilidade, para desmitificar a ideia de que esse público possui dificuldades para compreender algumas questões notacionais do universo linguístico, que enquadram o uso da linguagem devido a sua trajetória de formação, que possui grande influência da tecnologia.

Sabemos que são diversos os fatores que influenciam os discentes no que tange a questões voltadas para o uso da linguagem, tanto em ambientes virtuais quanto na escrita acadêmica ou em de textos com maior nível de formalidade, já que o trabalho com a linguagem na escola ainda é muito baseado no estudo de regras gramaticais e do certo e errado. Dessa forma, há pouco espaço para o trabalho com práticas sociais e com a linguagem em uso, tanto na fala quanto na escrita. Assim, muitos tornam-se especialistas em regras e normas, mas não sabem aplicá-las em sua performance.

O propósito deste trabalho, contudo, não é discutir esses aspectos do ensino de língua, mas mostrar o quanto conhecer e entender o funcionamento da linguagem é fundamental para nossa formação como cidadãos. E, para que os alunos consigam desenvolver suas habilidades e as competências relativas ao uso da linguagem, nada melhor do que aproximar o ensino de língua à sua realidade, trazendo práticas de linguagem autênticas para a sala de aula, práticas sociais que poderão ampliar suas possibilidades de interação na sociedade.

A ideia desta prática pedagógica surgiu de uma pesquisa realizada com discentes de uma escola do município de Montenegro, região metropolitana de Porto Alegre/RS, que revelou o interesse dos estudantes pelo aplicativo “Perguntados” – um jogo gratuito, compatível com os dispositivos Android e iOS, o qual tem ocupado cada dia mais espaço nas tecnologias móveis, por ser um jogo de pura diversão. A pesquisa mostrou também, por outro lado, a frustração de alguns estudantes, quando

erravam algumas questões voltadas ao universo linguístico, isto é, voltadas ao uso da linguagem.

No que se refere à proposta de ensino da escola em que a pesquisa foi realizada, é notável que se trata de uma instituição inovadora, que demanda formar cidadãos participantes, os quais saibam qualificar as relações pessoais, sociais e ambientais, pois o aluno usufrui da tecnologia como sua aliada para a aprendizagem, desenvolvendo o estímulo, a capacitação e a experimentação dos jovens. Como a instituição funciona em turno integral, os alunos têm à disposição salas-ambiente, tais como, sala de linguagens, matemática, humanas e natureza, como também, laboratórios para as atividades de ciência da natureza, além de infraestrutura para aulas de música e teatro.

Quanto ao ensino, a instituição almeja que os alunos desenvolvam competências e habilidades, para solucionar problemas existentes nos dias atuais e dominar não só os saberes necessários para uma excelência acadêmica, como ler, escrever e desvendar os problemas, mas unificar todos os conhecimentos. Ou seja, nessa escola, os discentes são motivados a desenvolver o conhecimento para ter uma vida melhor, através de projetos, de oficinas e de recursos tecnológicos, como também a respeitar as culturas e o uso de tecnologias presentes em seus ambientes, sejam eles sociais, pessoais ou escolares.

Partindo da proposta pedagógica da escola, que tem a tecnologia como uma aliada para a aprendizagem, a atividade pedagógica desenvolvida para este trabalho atendeu a todos os requisitos pré-estabelecidos pela metodologia da instituição.

O projeto foi denominado “Desvendando os mistérios do universo linguístico”, nome criado com o objetivo de atrair a curiosidade dos discentes. A atividade foi desenvolvida usando a linguagem de QR Codes, a qual exige o uso de um recurso tecnológico, quer dizer, de um aparelho – celular ou tablet –, com um aplicativo para fazer a leitura de QR codes. Para tanto, foram aproveitados os recursos que a instituição disponibiliza para a aprendizagem dos discentes, tais como o acesso à internet, tanto em tecnologia móvel do aluno quanto nas tecnologias da escola. Além disso, a atividade foi elaborada pensando nos recursos como contribuintes para a construção do conhecimento.

O projeto foi constituído de 20 situações-problemas (APÊNDICE A), que abordam saberes linguísticos e literários dos alunos, com 5 alternativas, sendo apenas uma a correta. Ressalta-se que cada situação-problema está representada

pela linguagem digital QR codes, que, para ser decifrada, requer a utilização de um aparelho com o leitor (recurso que já foi detalhado anteriormente), como está exemplificado na Figura 1, a qual mostra a forma como as questões-problema foram apresentadas para os aprendizes.

Figura 1- Ilustração do texto em formato de QR Code



Fonte: Material construído pelo mestrando

Como se pode observar, o material contém o título da atividade com a numeração da questão, logo após, vem o texto em QR code, e, por fim, um texto informativo, que explica o procedimento da atividade. O mesmo foi feito nas outras 19 questões, pois a estrutura usada foi a mesma, independentemente do nível da questão.

Para colocar o projeto em prática, os alunos foram organizados em 5 grupos com 6 componentes cada. Os grupos deviam resolver o mistério oculto nos QR Codes, como em uma espécie de caça ao tesouro, porém, o tesouro era um desafio para desenvolver e aplicar conhecimentos, de forma coletiva. O trabalho coletivo é essencial para a escola onde o trabalho foi realizado, com vistas ao desenvolvimento do cidadão como sujeito reflexivo, crítico e social, pois é por meio

da troca de ideias, de pensamentos e de conhecimentos que se reconstróem as dúvidas, para chegar às respostas, por isso a atividade foi desenvolvida em grupo.

Tendo como alicerce a metodologia da escola, que espera que os jovens desenvolvam suas potencialidades através da resolução de situações-problema por meio do trabalho coletivo e usando as novas tecnologias, a finalidade da atividade, além de desenvolver as competências e habilidades de cada discente, foi proporcionar aos alunos uma experiência contemporânea, mostrando que eles possuem ferramentas valiosíssimas em mãos para auxiliar na aprendizagem e na resolução de problemas, como o celular, o notebook e o tablet, visto que muitos não se dão conta de que essas ferramentas, além de favorecerem a comunicação com o próximo e de possibilitarem a conexão das pessoas com o mundo, dão acesso rápido e fácil a um bem maior, que é o conhecimento.

Aproveitando a estrutura física da escola, as questões foram espalhadas por diferentes espaços, para que a circulação fosse eficaz e prazerosa, já que os discentes possuem um grande apreço por cada espaço da escola, seja ele a biblioteca, o refeitório, o saguão ou uma das salas temáticas.

Para o desenvolvimento do jogo, cada grupo recebeu 3 tablets, mas os alunos puderam usar também suas tecnologias pessoais, que continham os aplicativos necessários para a leitura de QR codes. Os alunos tiveram também acesso aos correios eletrônicos, para que o grupo conseguisse acessar à grade de respostas produzida no Formulário Google. O percurso inicial de cada grupo foi estipulado pelo docente, que organizou os grupos para que seguissem por caminhos diferentes, isto é, enquanto um grupo começou pelo primeiro andar do lado direito, o segundo iniciou pelo lado esquerdo, o terceiro pelo segundo andar do lado direito, o quarto no mesmo andar, porém, do lado esquerdo e, por fim, o último grupo iniciou pelo saguão. Após as orientações, cada grupo deveria solucionar e desvendar os mistérios em um tempo estimado de 50 minutos, visto que a aula tinha 2 períodos (uma hora cada período).

Como, além do trabalho coletivo, a instituição presa pelo protagonismo, isto é, pelo desenvolvimento da autonomia de cada discente, somente o percurso inicial foi estipulado pelo professor, para que não houvesse confusão no início da atividade. A atividade não exigia um caminho específico a ser percorrido, apenas que a grade de respostas fosse preenchida.

Em um primeiro momento, a utilização da grade de respostas virtual, confeccionada no Formulários Google, parecia um dos instrumentos possíveis. Porém, algumas situações acabaram por mudar significativamente o direcionamento da atividade pedagógica, considerando-se o uso das ferramentas tecnológicas, tabletes, celulares e internet. Ao utilizar uma das ferramentas norteadoras, a internet, para o desenvolvimento da proposta, na tentativa de manter os grupos conectados em uma mesma rede em tempo real, de maneira que obedecessem à proposta previamente detalhada, a web ficou lenta, devido à quantidade de turmas presentes na instituição que estavam usando a rede. Diante disto, a ideia inicial, que era manter todos os alunos conectados ao mesmo tempo à medida que desvendassem os mistérios ocultos nos QR codes, para que colocassem as soluções na grade de respostas online, perdeu-se, de modo que se perdeu também um dos principais objetivos da proposta.

No entanto, para que o desenvolvimento da atividade não fosse interrompido e para não desmotivar os alunos que estavam desenvolvendo as tarefas propostas, visto que a classe adora desafios, o professor propôs que cada grupo utilizasse apenas um dos tabletes ou um dos celulares, pois, assim, a rede, mesmo funcionando de forma lenta, funcionaria para a leitura dos códigos. E, quanto à grade de resposta, o docente disponibilizou uma cópia da versão impressa para cada grupo, como a pode ser visualizada na Figura 2 que segue.

Figura 2 – Cartela de respostas

Desvendando os mistérios do universo linguísticos 																				
Instruções: As situações-problema estão formuladas de acordo com os seus saberes linguísticos e literários. Qualquer dúvida deverá ser desvendada entre o grupo, afinal, vocês são os investigadores. Quanto à grade de respostas, assinale a alternativa adequada, pintando-a com a caneta azul (■), mas não se esqueça, apenas uma das alternativas é a compatível com o enunciado.																				
GRUPO:	Data: / /			Instituição:																
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
A																				
B																				
C																				
D																				
E																				

Fonte: Cartela construída pelo mestrando

É importante salientar que, apesar da redução no uso de equipamentos tecnológicos, a rede manteve-se lenta, porque as demais turmas da escola também estavam utilizando a internet para a realização de atividades propostas por outros docentes, os quais também relataram algumas dificuldades para o desenvolvimento das atividades. A equipe diretiva informou que o suporte técnico já havia sido notificado e que estava se deslocando para a instituição, mas que, possivelmente, a lentidão da rede era consequência do temporal que tinha ocorrido no dia anterior.

Decorrido o tempo destinado para a resolução dos mistérios, todos os grupos, juntamente com o professor, reuniram-se na sala de linguagens para discutir as questões e para corrigir as questões ocultas pela linguagem digital. Posteriormente, apresenta-se a análise dos resultados obtidos com a realização desta prática.

É relevante expor, ainda, neste trabalho, o posicionamento dos discentes em relação à atividade pedagógica proposta. Inicialmente, todos referiram que gostaram da atividade proposta, porque contribuiu para muitos desenvolverem a autonomia. Outros gostaram da atividade porque puderam auxiliar os colegas a compreenderem a importância da tecnologia na vida das pessoas, visto que uma parte da turma via o celular apenas como uma ferramenta de comunicação com amigos e familiares e não como um instrumento útil para aprender. Os alunos também falaram sobre seu descontentamento com a rede, mas compreenderam que não se tratava de uma falha do professor, mas uma consequência do clima, porém, sentiram-se desafiados ao tentar realizar uma atividade que exigia o uso contínuo da internet.

Ouvir o posicionamento de cada aluno sobre a atividade foi enriquecedor e também motivador para o professor, porque fizeram elogios, apresentaram sugestões e falaram sobre a satisfação de realizar uma atividade com uma ferramenta em uso no cotidiano, além de terem tido a possibilidade de trocar ideias e relembrar conhecimentos construídos e organizados no decorrer do ano letivo. Isso reforça que é possível criar atividades de aprendizagem diferentes para alunos inseridos em um mundo tecnológico e que todo docente precisa conhecer a realidade de sua comunidade e reconhecer as experiências dos discentes, para que consiga desenvolver seu real papel de educador.

5 Discussão e análise dos resultados

Começo este capítulo registrando meu contentamento em realizar esta atividade pedagógica, em uma escola inovadora, que, assim como eu, enxerga a tecnologia móvel como uma ferramenta propícia para os processos educacionais.

Este capítulo exhibe o perfil da turma em que a atividade foi aplicada, as situações-problema e as análises dos resultados da atividade pedagógica.

5.1 Contextualização da turma

A turma em que foi realizada a atividade não é a única turma de 1º ano do ensino médio da escola. A turma é formada por 12 meninos e 8 meninas, totalizando 20 alunos, com idades entre 14 e 16 anos. Todos os alunos provêm de famílias humildes, cuja situação socioeconômica é baixa. A maioria deles, além de estudar no turno integral, participa, nas folgas, de cursos de idiomas, de informática, de música e de teatro. Não obstante, os alunos, de modo geral, são assíduos, apresentando bom desempenho quanto à aprendizagem. Também demonstram interesse pelos estudos e entusiasmo para participar das atividades em sala e fora dela, visto que almejam um futuro melhor.

Referente ao comportamento, a turma apresenta boa convivência entre si e com os professores, caracterizando-se pela cooperação e pela disciplina. Durante as observações feitas na turma, foi possível perceber que os alunos são muito unidos e gostam de trabalhar em grupos, o que são créditos para a metodologia da instituição, a qual presa pelo trabalho coletivo. Quanto às atividades, a maioria dos alunos gosta de ler e de escrever, inclusive, de compor poesias e canções. Contudo, é possível observar que a turma adora o “novo”, isto é, gosta de ser desafiada a todo o instante, principalmente, com atividades diversificadas, as quais contribuem para o desenvolvimento de suas potencialidades, para a excelência acadêmica e para o protagonismo.

Apresentado essa breve contextualização da turma, na seção que segue, mostram-se as situações-problema utilizadas na atividade pedagógica.

5.2 Situações-problema utilizadas para o desenvolvimento da proposta pedagógica

As situações-problema criadas para a atividade foram inspiradas nos conhecimentos linguísticos e literários desenvolvidos ou retomados/revisados no decorrer do período letivo. A seguir, apresentam-se as questões trabalhadas, destacando-se que algumas foram produzidas pelo mestrando e outras adaptadas de livros didáticos.

Questão 1 – Para dominarmos uma língua, é necessário que conheçamos, além das palavras e seus sentidos, as leis de combinação dessas palavras. Assim, concluímos que **língua** (é) ...

- a) Representação do pensamento por meio de sinais que permitem a comunicação e a interação entre as pessoas.
- b) É o que uma pessoa transmite a outra na forma de linguagem.
- c) Acontece quando, ao emitirmos uma mensagem, nos fazemos compreender por uma pessoa e modificamos o seu pensamento.
- d) Formado por um conjunto de sinais convencionais socialmente para a transmissão da mensagem.
- e) Formada por palavras e leis combinatórias por meio das quais as pessoas se comunicam e interagem entre si.

Questão 2 – Utilize o texto abaixo para responder à questão.

Site de campanha de Serra ‘corrige’ erros de português

No afã da corrida eleitoral, a emenda saiu pior que o soneto no site de campanha de José Serra, candidato à presidência pelo PSDB.

No endereço que leva o nome do tucano e o número do partido, “serra45”, há um espaço para o leitor cadastrar seus dados e enviar a amigos vídeo com mensagem do candidato celebrando o 7 de setembro, dia da Independência do Brasil.

Ainda pela manhã o internauta era convidado a digitar, “Seu Nome”, “Sua Email” e “Sua Senha”. Já à tarde, foi feita “correção” – para enviar seus dados, o leitor deveria preencher “Sua Nome” e “Sua Email”, além de “Sua Senha”.

Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br>.

No primeiro parágrafo do texto, faz-se referência a um ditado popular (“a emenda saiu pior que o soneto”). Essa referência se explica pelo fato de que

- a) deslizes gramaticais são tão graves na poesia quanto no discurso político.
- b) as correções feitas pelos internautas alteraram o sentido do formulário.
- c) em vez de corrigir os erros, a campanha de Serra os amplificou.
- d) a mensagem do candidato apresentava vários problemas gramaticais.
- e) o dia 7 de setembro não deveria ser celebrado na internet.

Questão 3 – (PUCAMP-SP) Observe o texto abaixo, extraído de um conto; é uma fala do protagonista, um sitiante.

“ – Com perdão da pergunta, mas será que mecê não tem por lá alguma enxada assim meia velha pra ceder pra gente?”

Assinale a alternativa que propõe a transposição dessa frase para uma forma adequada à linguagem urbana culta:

- a) Desculpe a pergunta, mas o senhor não teria alguma enxada meio velho para nos ceder?
- b) Me perdoe de perguntar, mas será que você não tem por lá alguma enxada assim meia velha que a gente pudesse usar?
- c) Desculpe a gente perguntar, mas o senhor não tem alguma enxada assim meia velha para emprestar para nós?
- d) Me perdoa a pergunta, mas será que o senhor não poderia ceder para nós alguma enxada que tem por lá assim meio velha?
- e) Desculpe-me a pergunta, mas será que você não tem, para nos emprestar, alguma enxada assim do tipo meio velha?

Questão 4 – É pela linguagem que modelamos nossos pensamentos, exprimimos sentimentos, emoções, nossa maneira de ver o mundo. Partindo desse pressuposto, quais os elementos necessários para uma comunicação efetiva?

- a) Locutor, interlocutor, canal, referente, código e emissor;
- b) Locutor, interlocutor, canal, contexto, código e mensagem;
- c) Locutor, receptor, contato, mensagem, texto e canal;
- d) Emissor, interlocutor, canal, contexto, referente e texto;
- e) Emissor, locutor, canal, texto, código e contexto.

Questão 5 – Observe a charge abaixo e marque a alternativa correta:



A linguagem da charge revela que

- a) pelo tipo de linguagem usada pelos falantes, eles não conseguem se comunicar.
- b) evidenciamos um uso formal da linguagem, visto que as personagens são estudantes.
- c) expressões como “cê”, “pra”, “porema” devem ser banidos da língua em qualquer situação.
- d) a fala dos personagens evidencia o uso coloquial da linguagem, motivado por diversos fatores.
- e) não há nenhum tipo de problema com a linguagem usada por eles, podendo ser utilizada também em trabalhos escolares, requerimentos...

Questão 6 – O texto literário pode apresenta-se em diferentes gêneros. Como podemos definir os gêneros que encontramos nesses textos?

- a) Gênero Lírico, Gênero Textual e Gênero Dramático;
- b) Gênero Épico, Gênero Realismo e Gênero Lírico;
- c) Gênero Lírico, Gênero Épico e Gênero Dramático;
- d) Gênero Dramático, Gênero Textual e Gênero Formal;
- e) Gênero Lírico, Gênero Épico e Gênero Drástico;

Questão 7 – Em relação ao texto abaixo, assinale a(s) afirmação(ões) correta(s).

O grito do bicho “era eu sou macho e “cocoreco e bicho do pato. E fazia aquela ginga de mão, você manja n” é?

João Antonio, *Judas Carioca*

Nesse texto, observamos um registro de fala de habitantes de zona urbana, nos morros do Rio de Janeiro. Esta forma de se expressar, linguisticamente é tratada como

- a) um dos inúmeros registros do português do Brasil.
- b) gíria de pessoas incultas.
- c) variação linguística.
- d) uma forma de expressar determinada realidade cultural.
- e) todas estão corretas.

Questão 8 – Toda palavra tem sua história e carrega um significado que lhe é próprio, ou seja, as palavras, dependendo de sua finalidade, constituem determinados grupos e esses grupos baseiam-se nas significações comuns que cada uma delas adquire no texto. Sendo assim, como poderíamos dividir essas palavras?

- a) substantivo, artigo, explicativo, adjetivo, restritivo, verbais, nominais, conjuntivas, declarativas, explanativas;
- b) substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronome, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição;

- c) verbo, advérbio, formas verbais, indicativo, subjuntivo, imperativo, tempo, pessoa, número e modo;
- d) substantivo abstrato, comum, simples, composto, primitivo e derivado;
- e) possessivo, demonstrativo, indefinido, interrogativo, pessoal, de tratamento e reto.

Questão 9 – Qual das opções abaixo apresenta uma linguagem popular:

- a) A onça preta da Noite tá bebendo água no rio ...
- b) Eu sou um deus automático que tudo faz e desfaz.
- c) Ora são onças pintadas que saltam no seu caminho.
- d) Na igreja de Sabará um Cristo nu chora ouro...
- e) Um caçador, mais a oeste, caçou veado a chumbo de ouro.

Questão 10 – O homem é um ser social: ele necessita estar em constante comunicação com seu semelhante.

Na ação comunicativa, alguns elementos estão envolvidos, relacione-os:

- (1) Emissor (2) Receptor (3) Mensagem
 (4) Código (5) Canal (6) Referente

- () o contexto, a situação e os objetos reais ou fictícios são elementos a que a mensagem remete.
- () pessoa, ou grupo de pessoas, que recebe a mensagem.
- () meio pelo qual circula a mensagem.
- () pessoa, ou grupo de pessoas, que emite uma mensagem.
- () conjunto organizado de signos; no caso da comunicação linguística, palavras.
- () conjunto significativo de ideias, um texto.

Agora, assinale a sequência correta:

- a) 1, 2, 3, 4, 5, 6
- b) 5, 6, 3, 4, 1, 2
- c) 6, 2, 5, 1, 4, 3
- d) 6, 1, 5, 2, 4, 3

e) 2, 3, 6, 1, 4, 5

Questão 11 – Quais são as quatro classificações possíveis, que as palavras ou expressões podem apresentar quanto à sua identidade em relação à pronúncia, à grafia e aos seus sentidos/significados?

- a) homógrafas, heterônimas, homófonas e parônimas;
- b) sinônimas, parônimas, antônimas e homônimas;
- c) parônimas, antônimas, heterofônicas e sinônimas;
- d) homônimas, homófonas, heterofônicas e homógrafas;
- e) antônimas, parônimas, sinônimas e homófonas.

Questão 12 – Das situações a seguir, indique em qual delas a linguagem utilizada pelo falante está inadequada.

- a) Um advogado, num tribunal de júri, diz:
“É evidente que a testemunha está faltando com a verdade”.
- b) Um advogado, batendo um papo com um amigo, diz-lhe, a respeito de um julgamento:
“Tava na cara que a testemunha tava enrolando”.
- c) Um amigo diz ao outro, que costuma dirigir o carro em alta velocidade:
“Cuidado, a qualquer hora, você bate as botas”.
- d) Num velório, uma pessoa, ao cumprimentar a viúva, diz:
“É extremamente doloroso, para mim, saber que seu marido bateu as botas.”
- e) Alguém que escreve uma carta candidatando-se a um emprego:
“Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de Secretária Executiva desta conceituada empresa”

Questão 13 – Nos textos poéticos, uma nova voz reflete suas emoções mediante um sujeito. Que sujeito é esse?

- a) O eu lírico.
- b) O sujeito.

- c) O poeta.
- d) O compositor.
- e) O lirismo.

Questão 14 – Considerando as afirmações a respeito da norma culta e da variedade linguística, responda:

I – “Norma culta” ou “norma-padrão” é a variedade linguística de maior prestígio social usada numa comunidade.

II – “Norma popular” é toda variedade linguística de prestígio social usada pelos humanos.

III – “Variedades linguísticas” são as diferentes variações da língua, de acordo com os padrões de uso que ela pode manifestar.

Das afirmações acima, qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas a I.
- b) Apenas a II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

Questão 15 – Todos somos falantes de língua portuguesa, mas será que existe em nosso país algum lugar onde se fale melhor a nossa língua? Falamos do mesmo jeito o português nos diferentes espaços culturais, sociais e regionais? Há influência instantânea desses espaços?

- a) Rio de Janeiro, pois é o estado que mais recebe turistas.
- b) Maranhão, pois é o estado onde os colonizadores chegaram primeiro e onde a cultura portuguesa continua forte.
- c) Rio Grande do Sul, pois é o único estado que emprega a segunda pessoa verbal, em relação aos demais estados.
- d) Distrito Federal, pois é a região com mais pessoas vistas como sociais.
- e) Nenhum dos estados, pois cada região fala de uma forma, conforme sua história cultural, social e situacional.

Questão 16 – Segundo Aristóteles (384-422 a.C.), “somente o homem é um animal político, isto é, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem. A linguagem permite ao homem exprimir-se e é isso que torna possível a vida social.” Como se chama o processo de interação em que o homem utiliza a linguagem?

- a) Linguagem;
- b) Canal;
- c) Comunicação;
- d) Código;
- e) Mensagem.

Questão 17 – Com relação ao texto retirado de uma conversa no WhatsApp, assinale a alternativa correta:

“Vc viu como ele chegou hj? Tá pior que onti.”

- a) Mesmo por se tratar de linguagem abreviada, cumpre sua função comunicativa, mas só deve ser utilizada em situações informais como internet, celular etc.
- b) Por ter palavras abreviadas em excesso, está totalmente contrariando as regras da gramática, logo não é um texto.
- c) Esse tipo de escrita é valorizado em qualquer meio de comunicação formal.
- d) Não pode ser considerado um texto, visto que não cumpre sua função comunicativa.
- e) Por ter palavras abreviadas, logo não cumpre o papel da mensagem.

Questão 18 – Quando nos comunicamos por meio da linguagem falada ou escrita, fazemos uso de determinadas unidades linguísticas. Quais são elas?

- a) Palavra, letra, comunicação e mensagem;
- b) Frase, palavra, sílaba, fonema e letra;
- c) Fonema, frase, palavra, som e imagem;
- d) Letra, sinal gráfico, linguagem verbal e fala;

e) Sílabas, encontro consonantal, hiato, ditongo e letra.

Questão 19 – (FUVEST) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedade linguística diversa da que foi usada no restante da frase em:

- a) Essa visão desemboca na busca limitada do lucro, na apologia do empresário privado como o "grande herói" contemporâneo.
- b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão "oficialista".
- c) Nas recentes discussões sobre os "fundamentos" da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.
- d) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo onde pode curtir o frio, ouvindo "causos" à beira da fogueira.
- e) O prêmio Darwin, que "homenageia" mortes estúpidas, foi instituído em 1993.

Questão 20 – Como ocorre com toda língua, com o passar dos anos, o português sofreu alterações fonéticas, morfológicas e sintáticas, tanto em sua estrutura quanto em seu emprego. Para saber como aconteceram essas alterações, é necessário situá-las em sua origem. Partindo desse pressuposto, concluímos que a língua oficial do Brasil originou-se do(a) ...

- a) Latim vulgar;
- b) Latim hebraico;
- c) Latim clássico;
- d) Latim tardio;
- e) Latim medieval.

Como se pode observar, todas as questões estão voltadas à revisão de conhecimentos de língua portuguesa. Expostas as questões utilizadas neste trabalho, a seguir, apresentam-se os resultados obtidos com a prática.

5.3 Análise dos resultados gerais de cada grupo

Esta seção traz a análise dos resultados da atividade aplicada (ANEXOS). Nessa perspectiva, mostra-se porcentual geral de acertos do grupo e hipóteses com relação aos motivos que podem ter induzido os discentes a assinalarem uma alternativa incorreta. As respostas dos alunos foram analisadas segundo seus conhecimentos linguísticos e literários.

Grupo 1

A análise das respostas dos alunos deste grupo revelou um pequeno receio dos alunos no que diz respeito às variações linguísticas, visto que, das três questões que erraram, duas eram direcionadas às possíveis variações da língua, em determinado tempo e espaço, e a outra voltava-se para os gêneros que estruturam os textos literários. Destaca-se que o grupo, no momento da discussão, colocou que respondeu essa última questão acreditando que se tratasse de uma visão geral de textos e não texto do literário em si.

Percebeu-se que a equipe estava empenhada para desenvolver a atividade, já que atingiram 85% de acertos, conforme pode ser visto no Gráfico 1 abaixo. Isso mostra também a interação da equipe.

Grupo 2

Os resultados obtidos pelo grupo 2 foram satisfatórios, visto que a equipe trabalhou unida todo o tempo, analisando, observando e refletindo sobre as hipóteses dos componentes em relação ao enunciado. No decorrer da atividade, a equipe teve problemas com o tablet, o que não dificultou o desenvolvimento da atividade, já que um dos integrantes possuía o leitor de QR Codes em seu celular.

Quanto às respostas incorretas, é possível constatar que, na questão 11, o grupo trocou uma das classificações por uma de suas subdivisões, isto é, acreditaram que a palavra “homófonas” simbolizasse uma das quatro classificações quanto à identidade de uma palavra, sendo que ela era uma das subdivisões da classificação homônimas. Já na questão 14, nota-se que a alternativa assinalada reflete falta de distinção entre a norma culta e a popular da língua. Porém, subentende-se que, para os alunos, a norma popular pertence à variação de prestígio social, pois pertence à realidade deles.

Enfim, ao observamos o Gráfico 1, visualizamos o quanto a equipe estava dedicada e empenhada em desenvolver a atividade, atingindo satisfatoriamente 90% de acertos, devido à troca de experiência e reflexão sobre o posicionamento de cada colega.

Grupo 3

Assim como o grupo 1, este grupo atingiu 85% de acertos, conforme mostra o Gráfico 1, porém, o que distinguiu essa equipe foi que, na questão 6, confundiram a palavra drástica com dramática. Na questão 3, os alunos deviam assinalar o enunciado que representasse a transposição correta para a linguagem urbana culta, o erro dos alunos deu-se por acharem que a variedade que falam pertencem à norma culta, visto que são da região urbana. Além disso, o grupo preocupou-se em corrigir os erros gramaticais do texto da questão 2 em vez de compreender o dito popular.

Grupo 4

Conhecendo os integrantes do grupo e acompanhando a visão da maioria sobre a língua materna, é possível constatar que ainda existe resistência por parte o grupo de compreender as variações que uma língua pode sofrer com o passar do tempo. Visto que o conceito de língua trazido pela maioria da equipe foi de ela ser única e imutável. Infelizmente, essa visão ainda perpetua em alguns discentes, isso pode ser dito porque selecionaram as alternativas em que predomina o “correto”.

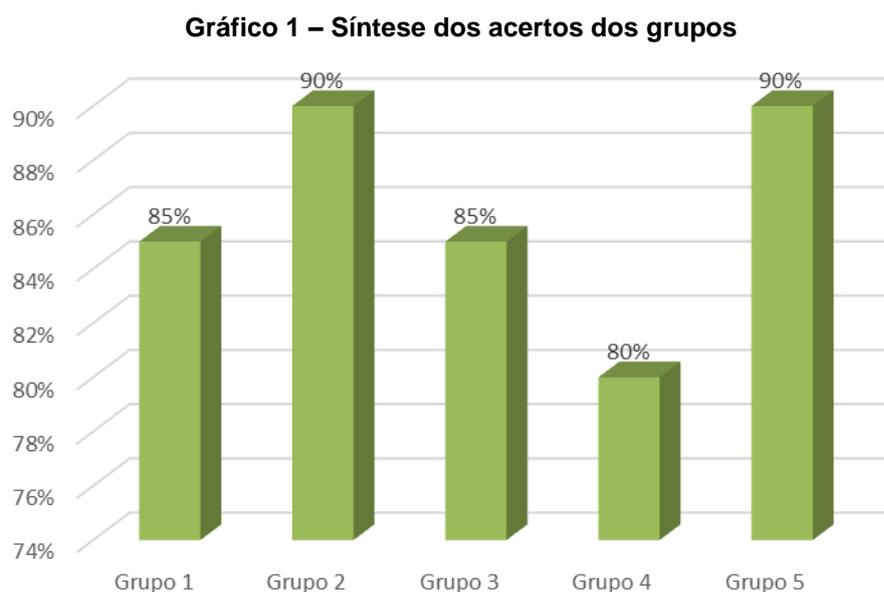
Mas, em relação às demais questões, o grupo conseguiu chegar a um consenso a partir de seus conhecimentos sobre as temáticas exigidas, o que resultou em 80% de acertos, como mostra o Gráfico 1.

Grupo 5

Assim como o grupo 2, a equipe atingiu 90% de acertos, Gráfico 1, porém, o que distinguiu essa equipe, foi que a maioria dos componentes possuem uma linguagem mais coloquial em suas comunicações, isto é, uma linguagem mais solta, o que, de certa forma, se refletiu em suas respostas, porque não se deram conta do que se distancia da situação comunicativa. Isso se refletiu nas duas alternativas incorretas, questões 3 e 18, ao considerarem que a linguagem urbana culta é a que

eles empregam, com as expressões “tipo”, “tá”, “tô”, entre outras, e que, ao se comunicaram com alguém, utilizam apenas a linguagem falada.

Quanto à interação do grupo, é notável que a linguagem utilizada entre eles contribuiu para a troca de ideias e de pensamentos e para a resolução dos problemas, o que trouxe resultados satisfatórios no que se refere à atividade desenvolvida.



Fonte: Construído pelo pesquisador

A análise do gráfico mostra que todos os grupos tiveram um ótimo desempenho. Os grupos dois e cinco acertaram 90% das questões, enquanto os grupos um e três acertaram 85% e o grupo 4, 80%. Isso mostra que todos entenderam a proposta da atividade.

Posto isso, encerra-se a análise dos resultados gerais de cada grupo. Na sequência, descrevem-se as interações após o término da tarefa.

5.4 Análise das interações após o término da tarefa

Conforme exposto no Capítulo 3 deste trabalho, todos os grupos tiveram, aproximadamente, 50 minutos para realizar as atividades e, após o término, reuniram-se na sala de linguagens, para um momento destinando à resolução das dúvidas, como também para debater as questões e corrigir as situações-problema.

Como de praxe, o professor destinou os minutos finais da aula para o esclarecimento de dúvidas e para a verificação dos resultados obtidos nas tarefas. Antes de realizar a correção das situações-problema, o docente abriu espaço para que os discentes discutissem sobre a tarefa executada, bem como sobre os materiais disponibilizados, a metodologia da atividade, o objetivo da proposta e, por fim, sobre a organização do grupo.

De imediato, os alunos declararam um apreço significativo em relação à proposta, visto que, de forma oculta, ela desenvolvia seu protagonismo e sua autonomia, além de proporcionar a troca de experiências com um dispositivo valiosíssimo para a classe, o celular.

Quanto às situações-problemas aplicadas, os discentes destacaram que todas foram compreendidas, isto é, entendidas como aprimoramento dos saberes tanto linguísticos quanto literários. E, sendo uma atividade inovadora, ela os desafiou a usar os conhecimentos adquiridos/aprendidos passarão longo do ano, como também relembrar situações em relação às quais ainda tinham dúvidas.

Já sobre a organização do grupo, todos reforçaram a admiração pelo trabalho coletivo, pois muitos se ajudaram através do diálogo e trocando experiências, destacando elogios aos colegas, por aceitarem sugestões e opiniões opostas.

Com relação aos resultados finais de cada grupo, os grupos destacaram a importância do trabalho em equipe, pois todos foram ouvintes, prestando atenção nas dúvidas dos colegas que, posteriormente, eram discutidas antes de assinalarem a opção que consideraram correta.

5.5 Avaliação dos resultados finais

Nesta seção, expõe-se o parecer geral da atividade realizada com os jovens que participaram da atividade. Para isso, foi considerado o posicionamento teórico apresentado para esta pesquisa, a interação dos discentes, a organização dos grupos, a realidade dos discentes e os resultados.

Os discentes demonstraram utilizar as diversas formas de linguagem ao desenvolverem o processo de leitura, isto é, ao desvendarem os mistérios ocultos pelos códigos QR codes, dialogando entre si e estabelecendo relações com os diferentes contextos nos quais estão inseridos, ultrapassando os objetivos propostos pela atividade. Além de dominarem as tecnologias móveis.

Visualizando a linguagem como um processo comunicativo que faz com que as pessoas interagem entre si, é notável que a turma conseguiu analisar as diferentes práticas sociais através de suas interações, pois conseguiram compartilhar o conhecimento, defender o ponto de vista e construir o mundo, entendendo que a língua é viva e que, por isso, é alvo de variações, as quais são originadas pelo processo ativo da comunicação.

E, por fim, a turma conseguiu compreender a língua materna como identidade cultural, histórica e social. Algo que, para a maioria, era inadmissível, visto que a realidade escolar anterior trazia apenas o certo e o errado da língua. Nessa realidade, as comunicações que desviassem da norma culta eram consideradas erradas.

Quanto aos resultados esperados, foram todos satisfatórios, pois todos os grupos conseguiram atingir o que se almejava. Apesar da individualidade de alguns discentes, todos conseguiram trabalhar em conjunto, dialogar com o colega, trocar experiências, aperfeiçoar os saberes e comprovar que a utilização da tecnologia móvel nas aulas é possível. E, do contrário do que se esperava, ela não foi um objeto que dispersou a atenção, mas uma valiosíssima ferramenta de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho debruçou-se sobre o problema “se os alunos de hoje são nativos digitais, por que as tecnologias ocupam tão pouco espaço na escola?”, tendo como objetivo avaliar o engajamento de uma turma de alunos de 1º ano do Ensino Médio em uma prática pedagógica utilizando QR codes para discutir variação linguística. Para o desenvolvimento desta prática, realizou-se uma atividade para saber como os alunos visualizavam o uso da língua padrão e de suas possíveis variações. A língua é heterogênea, pois é repleta de variações, sejam elas históricas, culturais, regionais ou sociais, afinal, ela resulta de nossa socialização e interação. Quer dizer, qualquer língua, seja ela a portuguesa, a italiana, a inglesa ou a espanhola, pertence ao povo que a fala e faz parte da identidade cultural, social e até mesmo histórica desse povo. Conhecer essas variações é permitir que a língua seja adequada às situações de interação, o que resulta em uma comunicação mais eficiente. A mediação referente à variação linguística realizada para este trabalho, teve como finalidade proporcionar uma educação de mais qualidade, enriquecendo culturalmente os alunos.

O que foi possível demonstrar é que a variação linguística sempre está presente na vida dos jovens, mesmo que eles não saibam disso, pois, até sem pensar, usam variedades diferentes para se comunicarem entre si e para interagirem com os professores, por exemplo. É essa adequação da língua que dá sentido à comunicação.

Os estudos mais recentes apontam para a realidade das escolas contemporâneas, as quais não têm conseguido acompanhar os avanços que o mundo vem tendo, principalmente, os tecnológicos. Tal postura têm se refletido no processo de aprendizagem dos adolescentes, visto que os jovens de hoje não possuem interesse pelo ensino que lhes é proporcionado, pois, de certa forma, ele não é atrativo. Embora os espaços educacionais estejam rodeados de ferramentas tecnológicas, estudar e conhecer um pouco mais sobre suas funções fez com que os adolescentes conseguissem compreender o real papel da tecnologia móvel nos espaços sociais e educacionais, notando que ela é um recurso essencial para a troca e aquisição de informações, principalmente, quando é destinada à aprendizagem.

Com base em tudo isso, sugere-se que os professores invistam mais tempo em aperfeiçoamentos, pois precisam se dar conta de que assim como o mundo mudou, os adolescentes também mudaram, o que exige que as metodologias sejam voltadas a um trabalho inovador com o auxílio das novas tecnologias, mas claro, sempre considerando os parâmetros curriculares. Mudanças desse tipo atrairão os interesses dos nativos digitais, estudantes contemporâneos, os quais têm grande interesse pela tecnologia móvel. Tendo em mente que é possível trazer esses interesses dos jovens para as propostas pedagógicas, ter-se-á, possivelmente, uma aprendizagem repleta de sentidos e reflexões.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.

_____. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BORNEMANN, Neila Barbosa de. **Ferdinand De Saussure e o objeto da Linguística**. Disponível em: www.lettras.ufscar.br/linguasagem/saussure/bornemann.pdf. Acessado em 12 jul. 2016

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna**: letramento, variação e ensino. São Paulo: Parábola Editorial. 2002.

_____. **Nada na língua é por acaso**: *por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.

_____. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial. 2009.

_____. **Sete erros aos quatro ventos**: *a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1952-53/2010.

_____; VOLOCHÍNOV, Valetin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999 [1929]..

BARBOSA, Débora Nice Ferrari; BASSANI, Patrícia Brandalise Scherer. **Em direção a uma aprendizagem mais lúdica, significativa e participativa**: experiências com o uso de jogos educacionais, tecnologias móveis e comunidade virtual com sujeitos em tratamento oncológico. RNOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação. V.11, p.1-10, 2013. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/viewFile/41622/26404>. Acessado em 09 jan. 2018

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Editora Brasiliense, coleção primeiros Passos. São Paulo, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais – terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas** (reedição). In: Universidade Estadual Paulista. (Org.). Caderno de formação: formação de professores didática dos conteúdos. V. 3: Conteúdos e Didática de Língua Portuguesa. 1ª ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 3, p. 34-49. Disponível em: <http://docplayer.com.br/8752542-Norma-culta-e-variedades-linguisticas.html>. Acessado em 09 abr. 2015

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. **Sociolinguística**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2013. p. 144-145.

CHOMSKY, Noam. **Estruturas sintáticas**. Lisboa: Edições 70, 1980.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história**. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.) **A linguística da norma texto na sala de aula**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37-61.

FARDO, Marcelo Luis. **A gamificação aplicada em ambientes de aprendizagem**. Novas Tecnologias na Educação, Caxias do Sul, v. 11, n. 1, p.1-8, jul. 2011.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática: 2004.

_____. Os Aldrovandos Cantagalos e o preconceito linguístico. In: SILVA, Fábio Lpoes da; MOURA, Heronides Maurílio de Melo (Orgs.). **O direito à fala: a questão do preconceito linguístico**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2002. p. 23-39.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaraeira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. In: Liv Sovik (Org.); Tradução Adelaine La Guardia Resende. [et al.] Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/ UNESCO, 2003.

HOUAISS, Antônio. **O português do Brasil**. Rio de Janeiro: Ebrade, 1985.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias o Novo Ritmo Da Informação**. Editora Papyrus. Campinas, SP, 8º edição, 2011.

IBIAPINA, Darkyana Francisca. **Variação Linguística em sala de aula de Língua Portuguesa: uma abordagem etnográfica**. Disponível em: www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/pt/arquivos/sielp2012/727.pdf. Acessado em 11 mai. 2017

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

LEITE, Ligia Chiappini de Moraes. Gramáticas e literaturas: desencontros e esperanças. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

LITWIN, Edith (Org.). **Tecnologia educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LYONS, John. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MATTAR, João. **Games em educação: como os nativos digitais aprendem**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MCGONIGAL, Jane. **Realidade em jogo: por que os games nos tornam melhores e como eles podem mudar o mundo**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (Org.). **Novas Tecnologias na Educação: Reflexões sobre a Prática**. Maceió: EDUFAL, 2002.

MOREIRA, Marco Antonio. **O que é afinal aprendizagem significativa?**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

NOGUEIRA, Francieli Motta da Silva Barbosa. **Variação Linguística e Ensino de Língua Materna: algumas considerações**. In: III ENILL – Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura, 2012. Itabaiana – SE. Anais eletrônicos do III ENILL, 2012. V.03. p. 1-8. Disponível em: http://www.aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ2_2014/altamira/pacaja2011/textoatividadevariaaopacaja.pdf. Acessado em 30 mai. 2018

PERINI, Mário Alberto. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola, 2004.

SACCOL, Amarolinda; SCHLEMMER, Eliane; BARBOSA, Jorge. **m-learning e u-learning: Novas Perspectivas da Aprendizagem Móvel e Ubiqua**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

SANTOS, Leonor Wernek dos. O ensino de língua portuguesa e os PCN. In: PAULIUKONIS, Mari Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid. **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

SANCHO, Juana Maria (Org.). **Para uma Tecnologia Educacional**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANTOS, Selma Ferro. Processos de desenvolvimento de “novas práticas”: apropriação e uso de novas tecnologias. In: FILHO, Aldo Victorio; MONTEIRO, Solange Castellano Fernandes (Orgs.). **Cultura e conhecimento de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 45-59.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa: educação, comunicação, mídia clássica, internet, tecnologias digitais, arte, mercado, sociedade, cidadania**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.

SOUZA, Maria Elena Viana. **Pluralismo Cultural e Multiculturalismo na formação de professores: espaços para discussões étnicas de alteridade**. Disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis19/art06_19.pdf. Acessado em 27 jan. 2018

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: ensino plural**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZORZI, José Augusto. **Estudos culturais e multiculturalismo: uma perspectiva das relações entre campos de estudo em Stuart Hall**. Trabalho de conclusão de curso para obtenção de Licenciatura em História pela UFRG, 2012

APÊNDICES

APÊNDICE A - Situações-problema ilustradas por QR Codes e suas resoluções



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 1



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Para dominarmos uma língua, é necessário que conheçamos, além das palavras e seus sentidos, as leis de combinação dessas palavras. Assim, concluímos que **língua** (é) ...

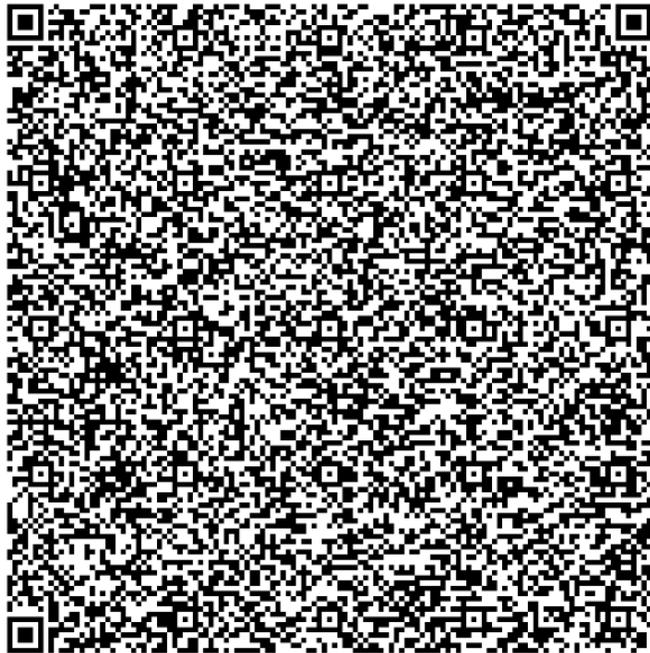
- a) Representação do pensamento por meio de sinais que permitem a comunicação e a interação entre as pessoas.
- b) É o que uma pessoa transmite a outra na forma de linguagem.
- c) Acontece quando, ao emitirmos uma mensagem, nos fazemos compreender por uma pessoa e modificamos o seu pensamento.
- d) Formado por um conjunto de sinais convencionais socialmente para a transmissão da mensagem.
- ✓ e) Formada por palavras e leis combinatórias por meio do qual as pessoas se comunicam e interagem entre si.





Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 2



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Utilize o texto abaixo para responder à questão.

Site de campanha de Serra 'corrige' erros de português

No afã da corrida eleitoral, a emenda saiu pior que o soneto no site de campanha de José Serra, candidato à presidência pelo PSDB.

No endereço que leva o nome do tucano e o número do partido, "serra45", há um espaço para o leitor cadastrar seus dados e enviar a amigos vídeo com mensagem do candidato celebrando o 7 de setembro, dia da Independência do Brasil.

Ainda pela manhã o internauta era convidado a digitar, "Seu Nome", "Sua Email" e "Sua Senha". Já à tarde, foi feita "correção" – para enviar seus dados, o leitor deveria preencher "Sua Nome" e "Sua Email", além de "Sua Senha".

Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br>.

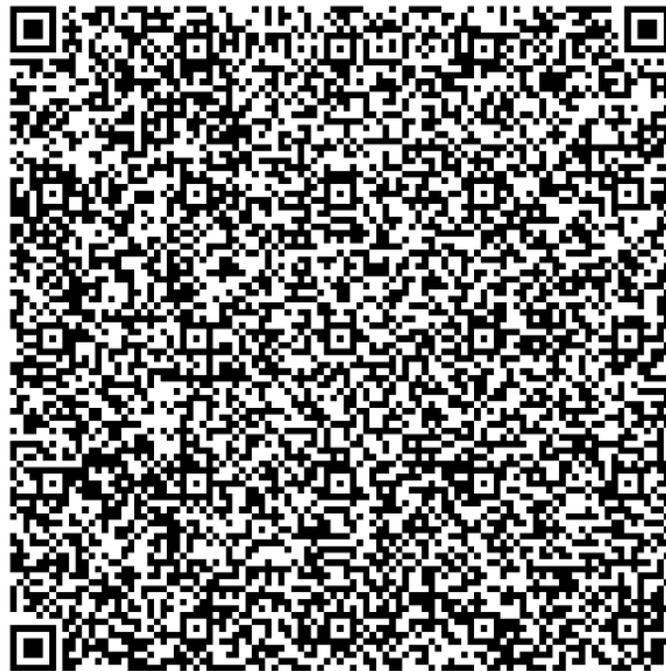
No primeiro parágrafo do texto, faz-se referência a um ditado popular ("a emenda saiu pior que o soneto"). Essa referência se explica pelo fato de que

- a) deslizes gramaticais são tão graves na poesia quanto no discurso político.
- b) as correções feitas pelos internautas alteraram o sentido do formulário.
- ✓ c) em vez de corrigir os erros, a campanha de Serra os amplificou.
- d) a mensagem do candidato apresentava vários problemas gramaticais.
- e) o dia 7 de setembro não deveria ser celebrado na internet.



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 3



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

(PUCAMP-SP) Observe o texto abaixo, extraído de um conto; é uma fala do protagonista, um sitiante.

“ – Com perdão da pergunta, mas será que mecê não tem por lá alguma enxada assim meia velha pra ceder pra gente?”

Assinale a alternativa que propõe a transposição dessa frase para uma forma adequada à linguagem urbana culta:

- a) Desculpe a pergunta, mas o senhor não teria alguma enxada meio velho para nos ceder?
- b) Me perdoe de perguntar, mas será que você não tem por lá alguma enxada assim meia velha que a gente pudesse usar?
- c) Desculpe a gente perguntar, mas o senhor não tem alguma enxada assim meia velha para emprestar para nós?
- d) Me perdoa a pergunta, mas será que o senhor não poderia ceder para nós alguma enxada que tem por lá assim meio velha?
- e) Desculpe-me a pergunta, mas será que você não tem, para nos emprestar, alguma enxada assim do tipo meio velha?



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 4



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

É pela linguagem que modelamos nossos pensamentos, exprimimos sentimentos, emoções, nossa maneira de ver o mundo. Partindo desse pressuposto, quais os elementos necessários para uma comunicação efetiva?

- a) locutor, interlocutor, canal, referente, código e emissor
- ✓ b) locutor, interlocutor, canal, contexto, código e mensagem
- c) locutor, receptor, contato, mensagem, texto e canal
- d) emissor, interlocutor, canal, contexto, referente e texto
- e) emissor, locutor, canal, texto, código e contexto



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 5



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Observe a charge abaixo e marque a alternativa correta:



A linguagem da charge revela:

- a) Pelo tipo de linguagem usada pelos falantes eles não conseguem se comunicar.
- b) Evidenciamos um uso formal da linguagem, visto que eles personagens são estudantes.
- c) Expressões como “cê”, “pra”, pobrema” devem ser banidos da língua em qualquer situação.
- ✓ d) A fala dos personagens evidencia o uso coloquial da linguagem, motivado por diversos fatores.
- e) Não há nenhum tipo de problema com a linguagem usada por eles, podendo ser utilizada também em trabalhos escolares, requerimentos...



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 6



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

O texto literário apresenta diferentes tipos de gêneros. Como posso definir os gêneros que encontramos nesses textos?

- a) Gênero Lírico, Gênero Textual e Gênero Dramático
- b) Gênero Épico, Gênero Realismo e Gênero Lírico
- ✓ c) Gênero Lírico, Gênero Épico e Gênero Dramático
- d) Gênero Dramático, Gênero Textual e Gênero Formal
- e) Gênero Lírico, Gênero Épico e Gênero Drástico



Desvendando os mistérios do universo linguísticos

Questão 7



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Em relação ao texto abaixo, assinale a(s) afirmação(ões) correta(s).

“O grito do bicho era ‘eu sou macho’ e coco-reco e bicho do pato. E fazia aquela ginga de mão, você manja, né?”
(João Antônio, da obra Judas Carioca)

Nesse texto, observamos um registro de fala de habitantes de zona urbana, nos morros do Rio de Janeiro. Esta forma de se expressar. Linguisticamente é tratada como

- a) um dos inúmeros registros do português do Brasil.
- b) gíria de pessoas incultas.
- c) variação linguística.
- d) uma forma de expressar determinada realidade cultural.
- ✓ e) todas estão corretas.





Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 8



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Toda palavra tem a sua história e carrega um significado que lhe é próprio, ou seja, as palavras, dependendo de sua finalidade, constituem determinados grupos e esses grupos baseiam-se nas significações comuns que cada uma delas adquire no texto. Sendo assim, como poderíamos dividir essas palavras?

- a) substantivo, artigo, explicativo, adjetivo, restritivo, verbais, nominais, conjuntivas, declarativas, explanativas
- ✓ b) substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronomes, verbo, advérbio, conjunção, preposição e interjeição
- c) verbo, advérbio, formas verbais, indicativo, subjuntivo, imperativo, tempo, pessoa, número e modo
- d) substantivo abstrato, comum, simples, composto, primitivo e derivado
- e) possessivo, demonstrativo, indefinido, interrogativo, pessoal, de tratamento e reto



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 9



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Qual das opções abaixo apresenta expressão de linguagem popular:

- ✓ a) A onça preta da Noite tá bebendo água no rio ...
- b) Eu sou um deus automático que tudo faz e desfaz.
- c) Ora são onças pintadas que saltam no seu caminho.
- d) Na igreja de Sabará um Cristo nu chora ouro...
- e) Um caçador, mais a oeste, caçou veado a chumbo de ouro.



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 10



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

O homem é um ser social: ele necessita estar em constante comunicação com seu semelhante.

Na ação comunicativa, alguns elementos estão envolvidos, relacione-os:

- (1) Emissor (2) Receptor (3) Mensagem
(4) Código (5) Canal (6) Referente

- () o contexto, a situação e os objetos reais ou fictícios a que a mensagem remete
() pessoa, ou grupo de pessoas, que recebe a mensagem
() meio pelo qual circula a mensagem
() pessoa, ou grupo de pessoas, que emite uma mensagem
() conjunto organizado de signos; no caso da comunicação linguística, palavras
() conjunto significativo de ideias, um texto

Agora, assinale a sequência correta:

- a) 1, 2, 3, 4, 5, 6
b) 5, 6, 3, 4, 1, 2
✓ c) 6, 2, 5, 1, 4, 3
d) 6, 1, 5, 2, 4, 3
e) 2, 3, 6, 1, 4, 5



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 11



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Quais são as quatro classificações possíveis, que as palavras ou expressões podem apresentar quanto à sua identidade em relação a pronúncia, a grafia e os seus sentidos/significados?

- a) homógrafas, heterônimas, homófonas e parônimas
- ✓ b) sinônimas, parônimas, antônimas e homônimas
- c) parônimas, antônimas, heterofônicas e sinônimas
- d) homônimas, homófonas, heterofônicas e homógrafas
- e) antônimas, parônimas, sinônimas e homófonas



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 12



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Das situações a seguir, indique qual delas a linguagem utilizada pelo falante está inadequada.

- a) Um advogado, num tribunal de júri, diz:
“É evidente que a testemunha está faltando com a verdade”.
- b) Um advogado, batendo um papo com um amigo, diz-lhe, a respeito de um julgamento:
“Tava na cara que a testemunha tava enrolando”.
- c) Um amigo diz ao outro, que costuma dirigir o carro em alta velocidade:
“Cuidado, a qualquer hora, você bate as botas”.
- ✓ d) Num velório, uma pessoa, ao cumprimentar a viúva, diz:
“É extremamente doloroso, para mim, saber que seu marido bateu as botas.”
- e) Alguém que escreve uma carta candidatando-se a um emprego:
“Venho manifestar meu interesse em candidatar-me ao cargo de Secretária Executiva desta conceituada empresa”



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 13



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Nos textos poéticos, uma nova voz reflete suas emoções mediante um sujeito. Que sujeito é esse?

- a) o eu lírico
- b) o sujeito
- c) o poeta
- d) o compositor
- e) o lirismo



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 14



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Considerando as afirmações a respeito da norma culta e variedade linguística.

I – “Norma culta” ou “norma-padrão” é a variedade linguística de maior prestígio social usada numa comunidade.

II – “Norma popular” é toda variedade linguística de prestígio social usada pelos humanos.

III – “Variedades linguísticas” são as diferentes variações da língua, de acordo com os padrões de uso que ela pode manifestar.

Das afirmações acima, qual(is) está(ão) correta(s)?

- a) Apenas a I.
- b) Apenas a II.
- ✓ c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.





Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 15



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Todos somos falantes de língua portuguesa, mas será que existe em nosso país algum lugar que fale melhor a nossa língua? Falamos do mesmo jeito o português nos diferentes espaços culturais, sociais e regionais? Há influência instantânea desses espaços?

- a) Rio de Janeiro, pois é o estado que mais recebe turista
- b) Maranhão, pois é o estado que os colonizadores chegaram primeiro e a cultura portuguesa continua forte
- c) Rio Grande do Sul, pois é o único estado que emprega a segunda pessoa verbal, em relação aos demais estados
- d) Distrito Federal, pois é a região com mais pessoas vistas como sociais
- ✓ e) Nenhum dos estados, pois cada região fala de uma forma, conforme sua história cultural, social e situacional



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 16



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Segundo Aristóteles (384-422 a.C.), “somente o homem é um animal político, isto é, social e cívico, porque somente ele é dotado de linguagem. A linguagem permite ao homem exprimir-se e é isso que torna possível a vida social.” Como se chama o processo de interação que o homem utiliza a linguagem?

- a) Linguagem
- b) Canal
- ✓ c) Comunicação
- d) Código
- e) Mensagem



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 17



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Com relação ao texto retirado de uma conversa no WhatsApp, assinale a alternativa correta:

“Vc viu como ele chegou hj? Tá pior que onti.”

- a) Mesmo por se tratar de linguagem abreviada, cumpre sua função comunicativa, mas só deve ser utilizada situações informais como internet, celular etc.
- b) Por ter palavras abreviadas em excesso está totalmente contrariando as regras da gramática, logo não é um texto.
- c) Esse tipo de escrita é valorizado em qualquer meio de comunicação formal.
- d) Não pode ser considerado um texto, visto que não cumpre sua função comunicativa.
- e) Por ter palavras abreviadas, logo não cumpri o papel da mensagem.



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 18



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Quando nos comunicamos por meio da linguagem falada ou escrita, fazemos uso de determinadas unidades linguísticas. Quais são elas?

- a) palavra, letra, comunicação e mensagem
- ✓ b) frase, palavra, sílaba, fonema e letra
- c) fonema, frase, palavra, som e imagem
- d) letra, sinal gráfico, linguagem verbal e fala
- e) sílaba, encontro consonantal, hiato, ditongo e letra



Desvendando os mistérios do universo linguísticos

Questão 19



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

(FUVEST) As aspas marcam o uso de uma palavra ou expressão de variedade linguística diversa da que foi usada no restante da frase em:

- a) Essa visão desemboca na busca limitada do lucro, na apologia do empresário privado como o "grande herói" contemporâneo.
- b) Pude ver a obra de Machado de Assis de vários ângulos, sem participar de nenhuma visão "oficiaisca".
- c) Nas recentes discussões sobre os "fundamentos" da economia brasileira, o governo deu ênfase ao equilíbrio fiscal.
- ✓ d) Em fazendas de Minas e Santa Catarina, quem aprecia o campo onde pode curtir o frio, ouvindo "causos" à beira da fogueira.
- e) O prêmio Darwin, que "homenageia" mortes estúpidas, foi instituído em 1993.



Desvendando os mistérios
do universo linguísticos

Questão 20



Leia com atenção o enunciado e desvende a situação-problema, mas atente-se, pois apenas uma alternativa é a adequada.

Decifração

Como ocorre com toda língua, com o passar dos anos o português sofreu alterações fonéticas, morfológicas e sintáticas, tanto em sua estrutura quanto em seu emprego. Para saber como aconteceram essas alterações, é necessário situá-las em sua origem. Partindo desse pressuposto, concluímos que a língua oficial do Brasil originou-se do(a) ...

- ✓ a) Latim vulgar
- b) Latim hebraico
- c) Latim clássico
- d) Latim tardio
- e) Latim medieval

APÊNDICE C – Gabarito

Desvendando os mistérios do universo linguísticos



Instruções: As situações-problema estão formuladas de acordo com os seus saberes linguísticos e literários. Qualquer dúvida deverá ser desvendada entre o grupo, afinal, vocês são os investigadores. Quanto à grade de respostas, assinale a alternativa adequada, pintando-a com a caneta azul (■), mas não se esqueça, apenas uma das alternativas é a compatível com o enunciado.

GRUPO:

Data: / /

Instituição:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
A			■						■				■				■			■
B				■				■			■							■		
C		■				■				■				■		■				
D					■							■								■
E	■						■								■					

ANEXOS

ANEXO 1 – Grade de respostas preenchidas pelos jogadores do “GRUPO 1”

Desvendando os mistérios do universo linguísticos



Instruções: As situações-problema estão formuladas de acordo com os seus saberes linguísticos e literários. Qualquer dúvida deverá ser desvendada entre o grupo, afinal, vocês são os investigadores. Quanto à grade de respostas, assinale a alternativa adequada, pintando-a com a caneta azul (■), mas não se esqueça, apenas uma das alternativas é a compatível com o enunciado.

GRUPO: 1 Data: 08/12/17 Instituição: Escola A

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
A			■			■							■				■			■
B				■				■			■								■	
C										■				■		■				
D		■			■				■			■				■				
E	■						■									■				■

ANEXO 2 – Grade de respostas preenchidas pelos jogadores do “GRUPO 2”

Desvendando os mistérios do universo linguísticos



Instruções: As situações-problema estão formuladas de acordo com os seus saberes linguísticos e literários. Qualquer dúvida deverá ser desvendada entre o grupo, afinal, vocês são os investigadores. Quanto à grade de respostas, assinale a alternativa adequada, pintando-a com a caneta azul (■), mas não se esqueça, apenas uma das alternativas é a compatível com o enunciado.

GRUPO: 2 Data: 05/12/17 Instituição: ESCOLA A

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
A			■						■				■				■			■
B				■				■										■		
C		■				■				■						■				
D					■							■							■	
E	■							■			■			■	■					

ANEXO 3 – Grade de respostas preenchidas pelos jogadores do “GRUPO 3”

Desvendando os mistérios do universo linguísticos



Instruções: As situações-problema estão formuladas de acordo com os seus saberes linguísticos e literários. Qualquer dúvida deverá ser desvendada entre o grupo, afinal, vocês são os investigadores. Quanto à grade de respostas, assinale a alternativa adequada, pintando-a com a caneta azul (■), mas não se esqueça, apenas uma das alternativas é a compatível com o enunciado.

GRUPO: 3 Data: 8/12/17 Instituição: Escola A

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
A									■				■				■			■
B				■				■		■								■	■	
C										■				■		■				
D		■			■							■							■	
E	■		■			■	■									■				

ANEXO 4 – Grade de respostas preenchidas pelos jogadores do “GRUPO 4”

Desvendando os mistérios do universo linguísticos



Instruções: As situações-problema estão formuladas de acordo com os seus saberes linguísticos e literários. Qualquer dúvida deverá ser desvendada entre o grupo, afinal, vocês são os investigadores. Quanto à grade de respostas, assinale a alternativa adequada, pintando-a com a caneta azul (■), mas não se esqueça, apenas uma das alternativas é a compatível com o enunciado.

GRUPO: 4 Data: 08/12/17 Instituição: Escola A

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
A			■										■				■			
B		■		■				■			■					■		■		
C						■				■						■			■	
D					■				■			■							■	■
E	■						■							■	■	■				■

ANEXO 5 – Grade de respostas preenchidas pelos jogadores do “GRUPO 5”

Desvendando os mistérios do universo linguísticos



Instruções: As situações-problema estão formuladas de acordo com os seus saberes linguísticos e literários. Qualquer dúvida deverá ser desvendada entre o grupo, afinal, vocês são os investigadores. Quanto à grade de respostas, assinale a alternativa adequada, pintando-a com a caneta azul (■), mas não se esqueça, apenas uma das alternativas é a compatível com o enunciado.

GRUPO: 5 Data: 8/12/17 Instituição: Escola A

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
A				■				■	■		■		■				■	■		■
B				■				■			■									
C		■				■				■				■		■				
D					■							■								■
E	■		■				■								■					